



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Aramis Merki II  
Lucas Weber**

***Microfone de Areia:  
A experiência da Rádio Oficina***

**RELATÓRIO TÉCNICO  
do *Trabalho de Conclusão de Curso*  
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*  
ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo  
no primeiro semestre de 2018  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Leslie Chaves**

**Florianópolis  
Junho de 2018**

Aramis Merki II  
Lucas Weber

***Microfone de Areia:  
A experiência da Rádio Oficina***

Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina Projetos Experimentais ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo, no primeiro semestre de 2018.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Leslie Chaves**

**Florianópolis  
Junho de 2018**

<b>FICHA DO TCC Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC</b>	
<b>ANO</b>	2018.1
<b>ALUNO</b>	Aramis Merki II e Lucas Weber
<b>TÍTULO</b>	Microfone de areia: a experiência da Rádio Oficina
<b>ORIENTADOR</b>	Leslie Chaves
<b>MÍDIA</b>	<input type="checkbox"/> Impresso
	<input checked="" type="checkbox"/> Rádio
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/> Foto
	<input type="checkbox"/> Web site
	<input type="checkbox"/> Multimídia
	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Comunicacional
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)
	<input type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)
<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ( )	(X) Florianópolis (X) Brasil (X) Santa Catarina () Internacional (X) Região Sul
<b>ÁREAS</b>	Webrádio; Educação-mídia; Comunicação comunitária; Educação não-formal
<b>RESUMO</b>	Este Trabalho de Conclusão de Curso é um projeto de comunicação social com o objetivo de, através da linguagem do radiojornalismo, sensibilizar para o exercício da cidadania comunicativa a população da Vila do Arvoredo, comunidade localizada nas dunas da praia dos Ingleses, norte de Florianópolis, SC. O projeto propõe oferecer, através do ensino não-formal, oficinas de jornalismo divididas em um eixo técnico (pauta, valor notícia, locução, redação de rádio etc) e um teórico (letramento midiático e comunicação comunitária). Vislumbra-se a possibilidade de que os participantes da oficina possam dar continuidade ao projeto, multiplicando os conteúdos compartilhados nesta atividade com novos interessados na experiência com rádio. Há ainda a expectativa de motivá-los a criar uma webradio na comunidade.

## **AGRADECIMENTOS**

À família, em especial nossos pais, Sayonara e Geraldo e Gisele e Aramis e nossas irmãs, Patrícia e Amanda. À comunidade Vila do Arvoredo pela recepção e acolhimento. Em especial à família Kadu, Andreia, Matheus, Miguel, Júlia e Carlinhos. À nossa orientadora, Leslie Chaves pelo conhecimento compartilhado e o apoio convicto de que nossa ideia é sim um TCC. Ao servidor técnico do Laboratório de Rádio, Luís Roque Bezerra, pela dedicação e compreensão que sempre prestou. Ao colega de curso Giuliano Bianco e ao ex-colega Renato Botteon, por empréstimos de equipamentos, e à ex-colega Taynara Nakayama pelo registro fotográfico da Oficina 5. E a todos e todas amigos e amigas apoiadores deste projeto que nunca permitiram que desistíssemos.

*“João José, o Professor, era o único que lia corretamente entre eles, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico em suas vidas.”*

*Trecho de Capitães da Areia, de Jorge Amado*

## LISTA DE IMAGENS:

<b>Imagem 1.....</b>	<b>16</b>
<b>Imagem 2.....</b>	<b>18</b>
<b>Imagem 3.....</b>	<b>37</b>
<b>Imagem 4.....</b>	<b>38</b>
<b>Imagem 5.....</b>	<b>44</b>
<b>Imagem 6.....</b>	<b>45</b>
<b>Imagem 7.....</b>	<b>46</b>
<b>Imagem 8.....</b>	<b>48</b>
<b>Imagem 9.....</b>	<b>49</b>
<b>Imagem 10.....</b>	<b>50</b>
<b>Imagem 11.....</b>	<b>56</b>
<b>Imagem 12.....</b>	<b>58</b>
<b>Imagem 13.....</b>	<b>59</b>
<b>Imagem 14.....</b>	<b>61</b>
<b>Imagem 15.....</b>	<b>62</b>
<b>Imagem 16.....</b>	<b>63</b>
<b>Imagem 17.....</b>	<b>65</b>
<b>Imagem 18.....</b>	<b>66</b>

# SUMÁRIO

<b>1. RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
2.1 Fronteiras invisíveis da cidade.....	11
2.2 Segregação urbana em Florianópolis.....	13
2.3 Vila do Arvoredo como resultado da segregação.....	15
<b>3. ESCOLHA DO TEMA.....</b>	<b>20</b>
3.1 O não direito à comunicação na Vila do Arvoredo.....	22
3.2 Comunicação comunitária e mídia-educação.....	24
<b>4. FORMATO.....</b>	<b>27</b>
4.1 A ousadia da Rádio Oficina.....	27
4.2 A alegria do rádio.....	30
4.3 Possibilidades no rádio: podcasting.....	33
<b>5. PRODUÇÃO.....</b>	<b>35</b>
5.1 Fontes.....	35
5.1.1 Kadu, líder informal do Siri.....	36
5.2 Relato do projeto: o dia a dia das oficinas.....	39
<b>6. RECURSOS.....</b>	<b>68</b>
<b>7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....</b>	<b>70</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro Oficina 1.....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE B - Plano de Aula Oficina 1.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE C - Plano de Aula Oficina 2.....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE D - Plano de Aula Oficina 3, 4 e 5.....</b>	<b>85</b>

<b>APÊNDICE E - Trecho Oficina 1.....</b>	<b>Faixa 1 CD</b>
<b>APÊNDICE F - Programa Rádio Oficina I (turma A).....</b>	<b>Faixa 2 CD</b>
<b>APÊNDICE G - Programa Rádio Oficina I (turma B).....</b>	<b>Faixa 3 CD</b>
<b>APÊNDICE H - Programa Rádio Oficina II.....</b>	<b>Faixa 4 CD</b>
<b>APÊNDICE I - Programa Rádio Oficina III.....</b>	<b>Faixa 5 CD</b>

## 1. RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um projeto de comunicação social com o objetivo de, através da linguagem do radiojornalismo, sensibilizar para o exercício da cidadania comunicativa a população da Vila do Arvoredo, comunidade localizada nas dunas da praia dos Ingleses, norte de Florianópolis, SC. O projeto propõe oferecer, através do ensino não-formal, oficinas de jornalismo divididas em um eixo técnico (pauta, valor notícia, locução redação de rádio etc) e um teórico (letramento midiático e comunicação comunitária). Vislumbra-se a possibilidade de que os participantes da oficina possam dar continuidade ao projeto, disseminando os conteúdos compartilhados nesta atividade para novos interessados na experiência com rádio. Há ainda a expectativa de motivá-los a criar uma webradio na comunidade.

**Palavras-chave:** Webradio; Comunicação comunitária; Educação-mídia; Oficinas de radiojornalismo; Jornalismo participativo; Cidadania comunicativa.

## **2. APRESENTAÇÃO**

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou ir além dos desafios intrínsecos da profissão de jornalista que aprendemos ao longo de nossa graduação. Não deixamos de cumprir com os deveres protocolares estudados: formular a pauta, apurar detalhadamente (que incluiu gastar a sola do sapato), respeitar as fontes e, finalmente, reunir todo o material e confeccionar uma peça jornalística. No entanto, em nosso caso, o produto final não se materializou na tradicional reportagem - e por isso que dizemos que foi além dos nossos desafios intrínsecos. Este TCC compreende uma prática de extensão participativa, desenvolvida a partir de oficinas de radiojornalismo com jovens da comunidade Vila do Arvoredo, conhecida como Favela do Siri, localizada no bairro dos Ingleses, norte de Florianópolis, SC.

De março a maio, realizamos cinco oficinas com objetivo de sensibilizar jovens para a cidadania comunicativa e despertar neles um olhar mais analítico em relação à mídia. Não tivemos a pretensão de formar radiojornalistas, senão desenvolver a comunicação comunitária na Vila do Arvoredo. Para atingir tal objetivo, através da liderança comunitária, convidamos crianças e adolescentes, sem restringir idade (desde que pudesse escutar e falar), para participar de encontros realizados no Núcleo de Ensino Infantil Gentil Mathias da Silva – a creche municipal do bairro que cedeu espaço para as oficinas aos domingos.

Embasados na premissa que o jornalismo pode ser atrelado à educação, e estes combinados se fundem em uma ferramenta poderosa de transformação social, transpassamos a linha divisória de nossa área do conhecimento e adentramos nas teorias freireanas de educação emancipadora. Através da educação não-formal, desconstruímos a sala de aula, provas, avaliações e o professor, para sermos todos alunos. Assim, através da linha pedagógica de Paulo Freire, realizamos uma experiência de comunicação colaborativa e compartilhamos com os participantes da oficina algumas noções de jornalismo. Além de muita troca de conhecimento, a experiência rendeu programetes de rádio (disponível no CD) e a possibilidade de que os participantes possam desenvolver uma ferramenta de comunicação.

Escolhemos a linguagem do rádio por sua potência educativa por excelência. O aprendizado torna-se programa e o programa é aprendizado. É justamente nesta

via dupla que a hierarquia do professor e o aluno se desconstrói. Devido à simplicidade de produção, apostamos na linguagem radiofônica com o suporte da internet, terreno fértil para jovens desta geração produzirem novos experimentos de comunicação.

Compartilhamos algumas noções básicas do jornalismo e especificamente da linguagem radiofônica a partir dos conhecimentos que adquirimos no curso de graduação (não só nas disciplinas de radiojornalismo, como também nos projetos de extensão). Realizamos reuniões de pauta, coletivas de imprensa, produção de boletins etc. O que não significa que desaconselhamos novas propostas que surgiam dos alunos.

Ao mesmo tempo em que a parte prática era realizada e compreendida pelos alunos, apresentamos conceitos sobre a comunicação comunitária e sua força. Nosso primeiro passo nesse sentido foi integrar as oficinas com a comunidade, estimulando os participantes a conversar com seus vizinhos e observar o ambiente em que vivem. Durante o processo, perguntamos sobre como se viam representados nos meios de comunicação da cidade, buscando provocá-los a um olhar mais crítico sobre a mídia.

Nas cinco oficinas realizadas, tivemos sete jovens que participaram ativamente da maioria dos encontros: Gabriel Ohana, Guilherme Paz, Lucas Emanuel, Matheus Liebana Ferreira, Miguel Liebana Ferreira, Patrick Chaves Polkowski, Richard Pereira e Yasmym Souza. Além destes, muitas crianças foram em apenas uma oficina ou participaram somente das atividades recreativas. No total, 20 jovens de 5 a 17 anos estiveram presentes no Núcleo de Ensino Infantil Gentil Mathias da Silva para as atividades das oficinas.

A creche foi fundamental para a execução deste trabalho. No entanto, ela está localizada a uma distância aproximada de mil metros da Comunidade do Siri. Nosso grande desafio foi motivar os jovens a participarem das oficinas e estimulá-los a retornar à comunidade com a sensibilidade aflorada pelo projeto e os resultados desse trabalho.

O título “Microfone de Areia” faz alusão ao ecossistema em que a comunidade está inserida, as dunas do bairro dos Ingleses. Algo construído com areia, um castelinho ou um microfone, se desmancha com as ondas do mar. A mesma fragilidade presente de muitas formas na Vila do Arvoredo. Por outro lado, o

nome remete ao romance de Jorge Amado, “Capitães da Areia”, em que garotos e garotas, mesmo com todas adversidades, lutam e sonham, como os jovens do Siri.

## 2.1 Fronteiras invisíveis da cidade

A Vila do Arvoredo é um retrato da realidade socioeconômica das grandes metrópoles brasileiras: um bolsão de pobreza inserido entre bairros com média salarial acima do rendimento domiciliar per capita da população<sup>1</sup> da comunidade. Todos os grandes centros urbanos do país apresentam duas realidades de cidade: a ‘cidade oficial’ e a ‘não cidade’<sup>2</sup>. (MARICATO, 2000, p. 123). Na primeira, que compreende à região onde circula o capital, estão localizados os grandes empreendimentos e as principais vias. A segunda é o espaço negado pelo Estado: a periferia, conhecida favela, onde há uma menor circulação de capital. A ‘não cidade’ “não cabe nas categorias de planejamento modernista, (...) no mercado imobiliário legal (...) e não cabe ainda nos procedimentos dos levantamentos elaborados pela nossa maior agência de pesquisa de dados, o IBGE” (MARICATO, 2000, p. 122).

A realidade segregadora que vemos em várias cidades brasileiras “é um processo que está longe de ser uma particularidade das décadas recentes, (...) vem se constituindo há mais de um século” (VILLAÇA, 1998, p. 321). Maricato explica em seu livro “As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias” como se construiu a exclusão urbana no Brasil. Resgata que “a definição e demarcação de terras devolutas, após 1850, foi uma das maiores farsas que marcaram a história do Brasil. Ela se assemelha à farsa que marcou a proibição do tráfico de escravos” (MARICATO, 2000, p.148). A autora se refere à lei de terras, instituída naquele ano, que “confirmou e formalizou o latifúndio ao invés do modelo de pequenas propriedades que, em grande parte, a inspirou” (MARICATO, 2000 apud. FAORO, 1995 p. 148). Desde a construção do país, a espacialização do território esteve

---

<sup>1</sup> Os dois principais bairros que estão ao redor da comunidade são o bairro dos Ingleses (região norte), que tem rendimento nominal médio mensal de 13,6 salários mínimos; Bairro do Santinho 5,6 salários mínimos (SUGAI, 2015, pg 238). Enquanto que o rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população brasileira é de R\$ 1.268 (IBGE, 2017).

<sup>2</sup> Milton Santos (1971) define como o ‘circuito inferior da economia e o circuito superior da economia.

atrelada “às classes de mais alta renda escolherem a direção do crescimento” (VILLAÇA, 1998, p.330)

Ainda assim, houve um agravamento da exclusão urbanística nas décadas recentes. Além do inchaço das cidades devido ao êxodo rural e a atuação do mercado imobiliário, a concepção modernista urbanística de cidade se tornou a norteadora do desenvolvimento urbano no Brasil (PEREIRA, 2010, p. 7). Este modelo surgiu na França, e tem como grande expoente o urbanista Le Corbusier, que escreveu o manifesto Carta de Atenas, símbolo da arquitetura moderna. O movimento defende que a cidade deve ser funcional e dividida em morar, trabalhar, circular e lazer. É onde nasce o conceito de zoneamento, dar forma e função para tudo (PEREIRA, 2010).

O movimento chega ao Brasil através de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que planejam Brasília, patrimônio mundial da UNESCO por ser a cidade mais modernista do mundo. Já para Ermínia Maricato, é “a cidade mais marcadamente segregada em todo o Brasil” (MARICATO, 2000, p. 146).

Considere-se, por exemplo, o sistema modernista de circulação de tráfego. Quando o analisamos em termos do que ele sistematicamente pretende eliminar - o sistema tradicional de ruas como espaços públicos, multidões urbanas e um certo tipo de espaço político ao qual a rua dá substância - suas consequências sociais tornam-se clara. O deslocamento da vida social, dos “recintos” abertos e públicos das ruas e praças para recintos fechados.(...) essa interiorização incentiva uma privatização das relações sociais (HOLSTON, James, 2013 p 245).

Esta segregação espacial planteada pelo movimento modernista, segrega, além das funções, a população em si também (PEREIRA, 2010). Inibe as pessoas de habitarem a região da cidade que lhes convém e isso gera a periferização da cidade. A “periferização é o crescimento rápido e desordenado das franjas metropolitanas a partir de processos de parcelamento do solo levados a cabo por pequenos e médios agentes imobiliários.” (VALLADARES, 1994, p 203).

A população excluída da “cidade oficial” vai marginalizar-se em regiões não cobiçadas pelo mercado imobiliário. “Por que que a população pobre avança sobre áreas de preservação ambiental? Porque essas áreas não interessam ao mercado imobiliário e são as áreas que sobram para a população pobre morar” (MARICATO,

2017). Por isso a periferização tomou o rumo dos morros, encostas, beira de rios ou zona de dunas, como é o caso da Vila do Arvoredo.

## 2.2 Segregação urbana em Florianópolis

No verão de 2001, a revista *Veja* elegeu Florianópolis como a melhor cidade do Brasil pelos seu desenvolvimento econômico<sup>3</sup>, concomitante com as belezas naturais da sua paisagem. A segregação urbana acontece não só no espaço físico da cidade, mas também nos discursos construídos a partir dela. “(...) planejamento urbano é um importante instrumento de dominação ideológica: ele contribuiu para ocultar a cidade real e para a formação de um mercado imobiliário restrito e especulativo” (MARICATO, 2000, p. 122).

Florianópolis teve um tardio processo de urbanização. Apenas a partir da década de 1970 que começou a se falar a respeito (SUGAI, 2015, p. 52). Desde sempre este movimento foi elitista, segregando através de instrumentos econômicos a população que teria direito de viver na parte insular da cidade e os que deveriam permanecer na zona continental (SUGAI, 2015, p. 55).

As transformações urbanas decorrentes dos intensos investimentos viários na Ilha significaram, fundamentalmente, a solidificação de áreas da beira-mar norte e dos balneários ao norte da Ilha, respectivamente, como áreas residenciais e de lazer do setor hegemônico das elites (...). A mão de obra do imigrante que se estabelecia fora da cidade, proporcionou à Florianópolis ser a melhor capital do Brasil (SUGAI, 2015. p. 114).

Desta maneira, a cidade se desenvolvia em duas, como definiu Maricato: a cidade oficial (a Ilha) e a não cidade (toda região continental que abrange também os municípios de São José, Palhoça e Biguaçu). Ao longo da década de 1970 e 1980, a Ilha recebeu fortes investimentos no seu sistema viário. Foi quando construiu-se as rodovias SC-401, SC-402, SC-403, SC-404, SC-405 e SC-406.

---

<sup>3</sup> Em 2001, o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) anunciou que Florianópolis foi o município brasileiro que obteve o maior crescimento do PIB per capita entre os anos 1970-1996) (SUGAI, 2015, p. 23).

“Florianópolis, ao contrário dos municípios vizinhos, recebeu durante a década de 70 um grande número de obras viárias que, como foi visto, definiram os eixos de ocupação e de expansão das áreas residenciais das camadas de alta renda” (SUGAI, 2015, p. 99).

E, dentro da Ilha, houve outro processo segregador ao priorizar a construção das vias do eixo norte (principalmente a SC-401) que liga o Itacorubi a Canasvieiras.

Grandes empreendimentos imobiliários começaram a se estabelecer em Jurerê, Canasvieiras e Ingleses. “Na década de 1980 o norte da Ilha vira terra de magnatas.” (SUGAI, 2015, p. 117). Este movimento criou uma necessidade de mão de obra, que “determinou o crescimento das camadas populares na Ilha, concomitantemente ao fortalecimento do eixo privilegiado das elites.” (SUGAI, 2015, p. 114). No entanto, é evidente que a população pobre encontrou apenas as zonas ignoradas pelo mercado imobiliário para se estabelecer. No caso, espaços de preservação ambiental - Na ilha, 42% do território é APP (Áreas de Preservação Permanentes (APP) (SUGAI, 2015, p. 96). Justamente neste momento é que começou a se estabelecer uma comunidade vizinha a estes grandes empreendimentos, a Vila do Arvoredo, sobre as dunas que o mercado imobiliário achou por bem preservar.<sup>4</sup>

### **2.3 Vila do Arvoredo como resultado da segregação**

A Vila do Arvoredo, mais conhecida como Favela do Siri<sup>5</sup> (foi assim apelidada pois a rua que leva à comunidade é conhecida como rua do Siri), está localizada no norte de Florianópolis (parte insular), Santa Catarina. Toda a comunidade está localizada nas dunas da praia dos Ingleses, zona considerada APP<sup>6</sup> (Áreas de

---

<sup>4</sup> Importante ressaltar que os condomínios na Avenida das Gaivotas na zona norte do Bairro dos Ingleses, foram todos construídos em áreas de preservação, como as dunas (SUGAI, 2015). Assim como tantos outros empreendimentos imobiliários de Florianópolis.

<sup>5</sup> “Mas seus moradores não gostam deste nome, consideram-no pejorativo. De certa forma, ele simboliza todo o preconceito que enfrentam quando procuram um emprego, matriculam suas crianças na escola ou requisitam uma consulta no posto de saúde” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2011).

<sup>6</sup> Segundo o Código Florestal (Lei Federal nº 4.771/65), área de preservação permanente é toda aquela constante em seus artigos 2º e 3º, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. Desse modo, as áreas desprovidas de vegetação também podem ser consideradas de preservação

Preservação Permanente), lei que impede a construção de qualquer tipo de edificação. A contravenção a esta lei, mesmo sendo atitude de praxe desde o início da urbanização da cidade, é o argumento utilizado pela prefeitura para retirar a população do local.

“A comunidade do Arvoredo teve sua origem na década de 1980, quando aproximadamente 30 famílias instalaram-se entre as dunas do bairro” (CHESINI, 2012, p. 17). Não se encontra números atualizados e bem descritivos a respeito da comunidade. O último censo realizado, e que teve seus dados abertamente divulgados, na Vila do Arvoredo foi feito pelo Movimento Passe Livre<sup>7</sup>. Na pesquisa, realizada em 2011, constatou-se que 200 famílias habitavam a região. Os integrantes do Movimento explicam como foram comprados os primeiros terrenos na região de dunas:

Para fugir do aluguel, compravam terrenos postos à venda por algumas famílias nativas, que, donas de terrenos na região, começaram a se interessar em vender áreas fora de sua propriedade, na direção das dunas – áreas de APP. Como frisa seu Nivaldo, membro da associação e hoje presidente do Conselho Comunitário dos Ingleses (CCI), a maioria dos moradores da comunidade não ocupou, mas sim comprou seu pedaço de terra. Pagavam IPTU e tudo (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2011).

A origem da comunidade é semelhante à da maioria dos espaços periféricos em Florianópolis e em outros grandes centros urbanos no Brasil: segregação urbana causada pela especulação imobiliária, que obriga a população de baixa renda a buscar locais alternativos para viver. O jornalista, ex-aluno do curso de Jornalismo da UFSC, Rafael Venuto, realizou seu Trabalho de Conclusão de Curso na Vila do Arvoredo e explica porque começou a construção da comunidade em cima das dunas.

---

permanente. Disponível em: <http://licenciamento.cetesb.sp.gov.br/cetesb/app.asp>. Acesso em: 01 nov. 2017.

<sup>7</sup> O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada.(...) O MPL deve fomentar a discussão sobre aspectos urbanos como crescimento desordenado das metrópoles, relação cidade e meio ambiente, especulação imobiliária e a relação entre drogas, violência e desigualdade social (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2011).

Imagem 1 - Comunidade Vila do Arvoredo vista de cima das dunas. Ao fundo, bairro dos Ingleses.



Foto: Lucas Weber

Atraídas por uma utopia, na qual a cidade se mostrava um paraíso repleto de oportunidades, famílias de todas as partes do país cruzaram a ponte a fim de construir um futuro melhor na Ilha de Santa Catarina. Tal futuro passava pela construção civil, principal setor empregatício dos novos moradores, em especial aqueles com menor escolaridade. Com o preço dos imóveis hiperinflacionados em várias regiões da cidade, manguezais, dunas e morros se tornaram as únicas alternativas viáveis para muitas famílias, o que colaborou de modo significativo para o aumento da população na periferia urbana. A Vila do Arvoredo, também denominada Favela do Siri, surge neste período. (VENUTO, 2016, p. 15)

Os dados oficiais da Secretaria de Habitação de Florianópolis divergem em relação aos da liderança comunitária. O último censo realizado pela Secretaria foi iniciado em 2014 e finalizado em 2015. Rosângela Maria Piccoli, assistente social da Secretaria de Infraestrutura, diz que eram 200 famílias na época em que foi realizada a pesquisa. Não há números mais atuais. Os dados deste censo não foram disponibilizados.

A Secretaria supõe que atualmente vivem 150 famílias, devido às evasões ocorridas em virtude das disputas entre facções de tráfico de drogas na comunidade. A liderança comunitária também não realizou nenhum censo, porém discorda deste número. Defende que vivem aproximadamente 380 famílias, cerca de 1800 pessoas na Vila do Arvoredo.

Ademais de sua origem, a Vila do Arvoredo compartilha outras semelhanças com bairros periféricos brasileiros. O lixo excessivo disputa espaço com a beleza das dunas. A maioria das fontes de água mananciais, muito presentes no local, estão completamente contaminadas, e inclusive são focos de doenças que afetam corriqueiramente a população.

A Vila do Arvoredo há muito tempo é território de disputa entre duas grandes facções criminosas: O Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Primeiro Grupo Catarinense (PGC). Espalhado por todo Brasil, o PCC, mesmo sendo originário de São Paulo, exerce forte influência em muitas comunidades de Santa Catarina. O PGC foi criado em 2003, dez anos após o PCC, quando foi construído o presídio de São Pedro de Alcântara-SC (DIÁRIO CATARINENSE, 2013). As duas facções são rivais e estão em constante disputa. Esta rivalidade tem origem da ligação do PGC com o Comando Vermelho (CV), facção do Rio de Janeiro que tem uma longa história de confrontos com o PCC.

Carlos Eduardo Ferreira, morador e líder informal da Vila do Arvoredo, relata que esta disputa marca a vida dos habitantes da comunidade. “Às vezes é um ou é outro, tão sempre competindo quem tá organizando a venda de drogas e armas” (FERREIRA, 2017). No início de 2017, as rebeliões ocorridas em presídios do Norte do Brasil – justamente por disputas entre o PCC e o CV – refletiram aqui. “As brigas lá de cima respingaram aqui. As duas facções entraram em conflito e muitos pais de família, envolvidos com alguma delas, preferiram pegar sua família e fugir” (FERREIRA, 2017). Foi a partir desta evasão que muitas casas ficaram desalojadas. “A prefeitura aproveitou para demolir essas casas alegando que foram construídas em área de APP. Na verdade foi pra desmobilizar as facções aqui” (FERREIRA, 2017).

Imagem 2 – Escombros das demolições ocorridas em julho de 2017 na Comunidade Vila do Arvoredo



Foto: Lucas Weber

Em fevereiro de 2017, 35 casas foram demolidas numa ação da prefeitura. “Ao todo, foram mobilizados mais de 50 policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), Choque, Canil e Cavalaria para dar apoio às equipes da Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (Floram) e Companhia de Melhoramentos da Capital (Comcap)” (G1, 2017). Em julho, também de 2017, houve outra ação policial com o mesmo objetivo, e mais 15 casas foram derrubadas.

No dia 12 de dezembro de 2017, a Polícia Militar fez uma ação na comunidade marcando com spray ao menos 20 casas. Em entrevista ao portal de notícias G1/SC, o comando da PM declarou que “a marcação é para identificar casas que possam ser apropriadas indevidamente (...) o levantamento é preliminar e serão certificadas se as casas estão desocupadas, (...) para ocorrer demolições é preciso fazer reuniões com a prefeitura e líderes comunitários.” (G1, 2017). De fato, nesta ação, nenhuma casa foi demolida.

Segundo Carlos Eduardo Ferreira, a PM marca as casas sobre as quais recebeu denúncia de que os moradores, passiva ou ativamente, estão ligados à facções criminosas de tráfico de drogas.

“Todas as demolições aconteceram assim aqui. Primeiro vêm (policiais), marcam várias casas e depois voltam com outros órgãos e chegam demolindo tudo. Essa vez em dezembro foi diferente, chamamos o Jornal, os moradores se uniram, e conseguimos impedir a demolição. Em 2017 foram quase 80 casas demolidas. Poderia ter sido bem mais” (FERREIRA, 2017)

No entanto, as disputas entre as facções mais uma vez atingiram a comunidade. No final de semana dos dias 12 e 13 de maio de 2018, quatro pessoas foram violentamente assassinadas na Vila do Arvoredo. “A linha de investigação da Polícia Civil, segundo o delegado Ênio de Oliveira Mattos, titular da Delegacia de Homicídios, aponta para envolvimento das vítimas com o tráfico de drogas. Ninguém foi preso pelos crimes” (G1, 2018). Como consequência, a Polícia e órgãos da prefeitura demoliram quatro casas da comunidade.

### 3. ESCOLHA DO TEMA

A escolha do nosso tema, de sensibilizar jovens à cidadania comunicativa, teve origem em nossa vontade de realizar uma experiência de comunicação social alternativa. Queríamos compartilhar o conhecimento adquirido ao longo do curso de jornalismo, sobre o poder da comunicação e sua capacidade de transformação social.

Optamos por apresentarmo-nos como oficinairos, e não repórteres. Acreditamos que dessa forma conseguimos diminuir a sensação de hierarquia que existe entre o jornalista e a fonte, além de permitir desenvolver uma amizade com a comunidade.

A decisão de realizar oficinas na periferia de Florianópolis nos veio da insatisfação com a relação “consumidora” que o jornalista tem com a fonte. Em nosso entender, é desigual a relação de troca entre quem cede a informação, muitas vezes um fato íntimo, com quem tem como objetivo principal publicizar uma notícia. O jornalista, quando publica uma matéria com denúncia social em uma favela, por exemplo, consegue atrair atenção para o problema daquela comunidade por alguns dias ou até semanas. Mas, muitas vezes, o grande beneficiado é ele próprio – é o jornalista que ganha prestígio social e financeiro com a publicação.

O jornalista deve evitar que sua atuação profissional seja mera reprodução da lógica “de integrar o indivíduo no papel que a sociedade lhe atribui (...)” como se o jornalismo não tivesse o potencial “que transcende esse limite da mera integração funcional do indivíduo e da sociedade” (MEDITSCH, 1992, p. 25). Essa é uma crítica que o professor Eduardo Meditsch, com o apoio nos estudos de Adelmo Genro Filho, faz à teoria funcionalista. Este questionamento serviu como apoio para legitimar nossa aspiração utópica. Assim como a afirmação de Cremilda Medina foi fundamental para encontrarmos uma finalidade da profissão com a qual nos identificássemos: a função do jornalista “é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, estratos culturais e faixas até mesmo etárias” (MEDINA, 1982, p 22).

Outra inspiração para este trabalho surgiu nas aulas de redação do professor Mauro César Silveira, em que lemos e debatemos sobre o livro “O Segredo de Joe

Gould”, de Joseph Mitchell<sup>8</sup>. Um caso surreal, de uma pessoa em situação de rua e um repórter que levam a extremos a relação jornalista-fonte. O depoimento do autor, que consumiu a “intimidade” de sua fonte e depois “descartou” seu personagem, despertou-nos a vontade de realizar um jornalismo diferente. Isto é, proporcionar a mediação social através do diálogo entre todos os cidadãos, principalmente daqueles que não participam da cidadania, os excluídos (MEDINA, 2014).

O caso do escritor Joseph Mitchell revela que a profissão de jornalista vai muito além da aplicação de técnicas e uso de tecnologias para produção de notícias ou outros produtos comunicacionais. Como defende Cremilda Medina, há uma mediação social que acontece a partir de um diálogo entre o jornalista e a fonte, que acarreta em uma grande responsabilidade. “O jornalista é ‘autor’ de uma linguagem capaz de proporcionar um encontro entre diferentes grupos, mas esta linguagem lhe exige responsabilidade social.” (MEDINA, 2014). A autora explica que esta responsabilidade vai além dos ensinamentos curriculares tradicionais nas escolas de jornalismo no Brasil

“(...) ela (responsabilidade social) não é um discurso, ou um código de ética. É uma prática constante do jornalista ir ao outro, sair de si, ir ao mundo, ir à escuta do que se passa no mundo externo a ele, externo à empresa, externo à instituição. Isto exige uma personalidade descentralizada não autoritária.” (MEDINA, 2014).

A escolha do nosso tema de TCC se inspira nessa necessidade de sair da zona de conforto e ir ao encontro do outro em sua realidade. Não seríamos capazes de ter um diálogo sincero com jovens de uma comunidade – que não é a nossa realidade – sem uma imersão. A busca de sensibilizar a comunidade sobre o poder da comunicação poderia não ser através de oficinas de radiojornalismo, como propomos. Há outras práticas que poderiam gerar resultados tão satisfatórios

---

<sup>8</sup> Em 1942, Joseph Mitchell publicou nas páginas da revista The New Yorker o perfil de um literato maltrapilho que vivia perambulando pelo Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova York. O personagem chamava-se Joe Gould e a reportagem revelava que, apesar de viver como um mendigo - dormia em pensões baratas, albergues e, às vezes, até na rua -, preparava uma obra monumental: História oral do nosso tempo. Gould morreu em 1957 e o livro que vinha escrevendo nunca foi encontrado - não se sabia, então, nem mesmo se chegara de fato a existir. Em 1964, sete anos após a morte de Gould e mais de vinte anos após o perfil da The New Yorker, Joseph Mitchell escreveu para a mesma revista outro texto sobre o boêmio do Village - "O segredo de Joe Gould" -, revelando o mistério guardado por tanto tempo. Depois dessa reportagem histórica, o jornalista nunca mais publicou sequer um texto. Mesmo assim, continuou a freqüentar a redação diariamente e a receber salário até o fim da vida. (COMPANHIA DAS LETRAS, 2018)

quanto. Porém, independentemente do formato adotado, para alcançar o objetivo deste tema, só seria possível com uma imersão na realidade do outro. Assim como planteia Paulo Freire:

“Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo, se não penso. Mas, não penso autenticamente se outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros, nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar” (FREIRE, 2016 p. 141).

### **3.1 O não direito à comunicação na Vila do Arvoredo**

Realizar oficinas que visam sensibilizar para a importância da comunicação em uma área periférica exige refletir sobre o conceito de comunicação popular. Na América Latina, este tema é objeto de estudo de diversos pesquisadores. O direito à comunicação é uma reivindicação latino americana há décadas.

“Embora tenha suas raízes situadas nos anos 1930, a comunicação popular tem seu ápice nos anos 1970 e 1980 na América Latina, tendo as discussões iniciadas no Brasil por volta de 1977 e repercutindo até os anos 90” (OTRE, 2010, p. 2).

Portanto, retomar este assunto sempre será um ato de valorização do que já foi estudado e, ao mesmo tempo, uma convicção de que a questão não está resolvida. Pesquisamos diversas experiências de comunicação popular ocorridas não só no Brasil, mas em alguns países próximos, geograficamente e socialmente, como Argentina e México. Sabemos que cada caso é específico da realidade que o compreende, porém, não impede que os usemos como referência.

Para além de um direito garantido na constituição brasileira, a comunicação diz respeito à liberdade do indivíduo de ser autônomo em suas relações com o outro e mesmo aquele com mais poder (capital).

Assim percebida, a comunicação não é questão técnica a ser tratada de forma asséptica, fora da estrutura econômica, política e cultural

da sociedade. Trata-se de uma questão política amplamente determinada por essa estrutura e que, por sua vez, contribui para a sua continuidade. Assim, a busca da saída para essa situação dirige-se à mudança da comunicação vertical/antidemocrática para a horizontal/democrática (OTRE, 2010, p. 3 apud BELTRÁN, 1981, p. 28).

A Vila do Arvoredo é marginalizada na cidade, não apenas geograficamente, mas também midiaticamente. Sua representação nos noticiários é mínima, e quando ocorre, é exclusivamente relatando violência e tráfico de drogas. Para comprovar em números esta percepção, decidimos realizar uma pesquisa no portal de notícias G1/SC, associado à Rede Globo e sua afiliada catarinense, a NSC. Esta emissora é o meio de comunicação que a comunidade confia para fazer suas denúncias e também é uma das redes comunicacionais mais importantes do Brasil.

Ao pesquisar o termo “favela do siri” no mecanismo de busca do site G1/SC, dos 10 resultados que aparecem na primeira página, 8 são notícias relacionadas à violência ou alguma ação policial - inclusive uma referente aos confrontos armados no Rio de Janeiro. Ao buscar por “Vila do Arvoredo” os resultados não são muito distintos. O que chama a atenção é que apenas 2 são relacionadas a comunidade localizada em Florianópolis, enquanto que Favela do Siri são 7.

Com estes dados podemos perceber dois movimentos convergentes: de chamar a região pelo apelido pejorativo (Favela do Siri) e apenas noticiar quando ocorre violência e/ou ação policial. Ou seja, por mais que a Vila do Arvoredo confie no jornalismo praticado pelas empresas afiliadas à Rede Globo, a comunidade não encontra a representatividade que almeja quando é noticiada. Esta relação confusa é esclarecida em parte por Peruzzo:

“(…) a dominação não é simplesmente imposta. Às vezes também há cumplicidade, omissão e até um certo jeito de gostar de ter um chefe. Isso vai fazendo parte de nossa cultura. Somos vítimas e culpado? Talvez sim. O certo é que o autoritarismo é resultado histórico da formação econômica, social, política e cultural brasileira e, como produtos dessa dinâmica, estamos impregnados de alienação e acomodação” (PERUZZO, 1999. p 75).

Por isso a necessidade de provocar a comunidade sobre a relação de troca que se estabelece ao chamar repórteres da NSC para realizar reportagens sobre seus problemas. Ao nosso ver, é necessário que a população tenha meios para se

auto-representar. Por mais que isto exija muitos recursos, cremos que o primeiro passo é a conscientização. Vemos que nossas oficinas podem ser uma alternativa. “Pensar alternativas no sentido de ‘devolver a palavra ao povo’” (GENRO FILHO, 2012 p. 120). Possibilitar lugar de fala é mais complexo que simplesmente dar o microfone a quem não tem espaço de expressão. É necessário que haja uma comunicação para além do simples “se expressar”. Apenas dizer não garante que o outro vá lhe ouvir.

Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele, não há comunicação e sem esta, não há verdadeira educação (...) A educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2016, p.98).

Para que de fato esta educação seja alcançada, há um longo caminho a ser trilhado, que, como exemplificou Paulo Freire, não basta que A ou B tenham interesse, senão os dois. Por isso, não tivemos a pretensão de mudar os paradigmas da comunicação popular em Florianópolis. Apenas vislumbramos dar ferramentas e, principalmente, perspectivas para que a comunidade da Vila do Arvoredo sensibilize-se em relação seu direito à comunicação e esteja disposta para o diálogo quando ele lhes for proposto.

### **3.2 Comunicação comunitária e mídia-educação**

Como forma de sensibilizar os jovens da Vila do Arvoredo ao poder da comunicação, adotamos como condução do nosso trabalho o conceito de comunicação comunitária.

“Entende-se como comunicação comunitária a comunicação das comunidades, feitas nas comunidades e para as comunidades, (...) dando vazão às suas vozes, ideias e ideais, geralmente em contraponto aos meios de comunicação tradicionais (que raramente dão voz e espaço a essas comunidades e grupos) ou nova forma de visão, mesmo sendo reverberada por outros meios, frente às mídias tidas como tradicionais e historicamente massivas, não socializantes

em certos aspectos que ocorre nas comunidades” (NISHIYAMA, 2011 p. 514).

Ao nosso entender, o primeiro passo para possibilitar que os moradores da Vila do Arvoredo pudessem se auto-representar nas disputas por espaço nas mídias da cidade, seria sensibilizá-los à importância de ter uma comunicação participativa dentro do bairro. O simples ato de propor que dentro da comunidade os habitantes entrem em diálogos – para além das conversas casuais nos encontros na rua, no mercado etc – é uma ação que os coloca num papel de comunicadores ativos. Este gesto tem um grande potencial de lograr que todos e todas participem. Como explica Nishiyama:

“A participação significa estar inserido no processo, não apenas como receptor, mas também como emissor. (...) estimula a troca de opiniões, o diálogo, aponta possíveis notícias. (...) são pessoas que trabalham de forma grupal com foco no interesse da coletividade” (NISHIYAMA, 2011 p. 523).

Para alcançar esta sensibilidade, partimos para a mídia-educação. Nossa própria graduação no curso de Jornalismo foi o primeiro exemplo para compreender o potencial educador que existe no estudo crítico da mídia e da comunicação no nosso dia a dia.

“A comunicação comunitária e a mídia educação vêm para assumir o desafio da alfabetização múltipla, educando por meio da comunicação oral, da escrita, com as mídias, pelas relações interpessoais e pesquisas, enfim, por meio de outras linguagens, também legítimas e fundamentais para a socialização e a apropriação de conhecimento” (NISHIYAMA, 2011, p. 529).

Nesta perspectiva, a comunicação tem potencial de ser um instrumento no processo educativo transformador (PERUZZO, 2001, p. 121), é uma ferramenta para construir a cidadania. Muitas vezes, o Estado aplica políticas assistencialistas ineficientes, ao invés de se dedicar aos problemas estruturais. É uma tentativa institucionalizada de mascarar a negação a direitos constitucionais, ou seja, de dar a falsa impressão de que os grupos marginalizados estão integrados à sociedade. Por isso, dedicamos atenção à conquista da cidadania, pois ela significa a passagem de súdito a cidadão (PERUZZO, 2001, p. 123).

“A cidadania pode ser entendida a partir das seguintes concepções: no campo da liberdade individual, a qual abarca a liberdade, a igualdade, a locomoção e a justiça; na participação e no exercício do poder político, por meio da participação política em todos em todos os níveis; e por fim, os direitos sociais que abrangem direito e igualdade de usufruir um modo de vida digno, por meio do acesso ao patrimônio social ligado ao consumo, ao lazer, condições e direito a leis do trabalho, à moradia, à educação, à saúde entre outros” (DELIBERADOR, LOPES, 2011 p. 7).

A cidadania atrelada a mídia-educação gera um processo que resulta em uma reflexão sobre os meios de comunicação, a construção de um receptor crítico e a produção de uma linguagem expressiva, para indagar-se e comprometer-se com o meio no qual está inserido. (DELIBERADOR, LOPES, 2011 p. 17). Esta é a cidadania comunicativa, capaz de integrar uma comunidade em si mesma e prepará-la para buscar espaço na disputa por representatividade nos meios de comunicação da cidade.

## **4. FORMATO**

Como já foi mencionado, a busca pela sensibilização de jovens à cidadania comunicativa é um caminho que tem múltiplas possibilidades. Nossa decisão de adotar como método oficinas de radiojornalismo utilizando a educação não-formal e inspirada em nossas leituras freireanas, veio em paralelo à decisão do tema. De modo que as três escolhas (sensibilização da comunidade, realizar oficinas e optar pelo rádio) estão intimamente ligadas.

Neste tópico, vamos esclarecer, separadamente, porque optamos tanto pelas oficinas como pelo rádio. No entanto, antes de tudo, achamos primordial dizer que a inspiração veio de forma conjunta. “Dunas mil grau: olhares compartilhados”, Trabalho de Conclusão de Curso de Rafael Venuto, realizado no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, foi o grande estalo elucidador para a criação do nosso trabalho.

O projeto dele se dividiu em três eixos: além de uma captação fotográfica compartilhada e da exposição do material com a comunidade, foi realizado uma oficina de fotografia com crianças da comunidade Vila do Arvoredo. Ao longo deste tópico e dos seguintes, será comentado mais a respeito deste TCC.

### **4.1 A ousadia da Rádio Oficina**

Sem dúvida, escolher o formato de oficinas foi um grande desafio para nós. Ao longo da graduação, praticamos muito o “escutar o outro” - faculdade mais que necessária para o bom jornalista. De certa forma, foi justamente este exercício que nos justificou que faria sentido dois alunos de Jornalismo realizarem oficinas com jovens como projeto de conclusão do curso.

A adoção de uma metodologia de educação não-formal veio até nós, mais que nós a buscamos. Havíamos nos acercado pouco dos estudos de pedagogia ao longo de nossa graduação. No entanto, foi surpreendente como as ideias que pensávamos, despretensiosamente, a respeito de como realizar oficinas, dialogavam com os métodos e preceitos da educação não-formal.

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa (GOHN, 2006, p. 3).

Como explicamos no tópico anterior, nossa pretensão nunca foi formar radiojornalistas, mas sim estimular os jovens a refletirem sobre cidadania através das trocas possibilitadas pelas oficinas. Como escreve Maria da Glória Gohn, é no campo da educação não-formal que mais se desenvolve essa consciência cidadã, não é apenas nas escolas ou outros espaços de educação institucionalizada (GOHN, 2006). Além da educação formal e da não-formal, existe a chamada educação informal: em conversas com os pais e situações cotidianas da vida, as pessoas também aprendem a se posicionar no mundo. No entanto, é defendido em diferentes literaturas que é na educação não-formal que mais se desenvolve a cidadania:

Quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio; ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto-valorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais etc) (GOHN, 2006, p. 3).

A palavra-chave para descrever o caminho que escolhemos trilhar nas oficinas é diálogo. A primeira coisa que fizemos para iniciar o TCC foi nos desarmar de qualquer sentimento de autoridade e superioridade em relação aos moradores da comunidade. Não atingiríamos nenhum objetivo se não fosse possível um diálogo não hierárquico. “O diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza” (FREIRE, 2016 p. 228). Justamente ao contrário, ele cria possibilidades. Ao longo da experiência, nem sempre alcançamos este nível de diálogo. Afinal há fatores que condicionam hierarquias para além do nosso controle.

Não vamos negar que foi um desafio, após passar anos acumulando conhecimento na academia, chegar à comunidade sem imposições. Debates muito entre nós qual seriam as palavras presentes em nossa fala para atingir o que almejávamos: transmitir técnicas e conceitos do “fazer jornalismo”, mas sem limitar as propostas que fossem (E por que não?) subversivas ao padrão tradicional dos manuais.

O que queríamos gerar com o diálogo era autonomia. Mesmo com muito esforço e dedicação, as oficinas só teriam validade se, ao final, os participantes fossem capazes de seguir adiante com o projeto. E ainda mais: que fossem eles os oficinairos, capacitados a promover a cidadania comunicativa entre outros jovens da comunidade. Dialogar, ao nosso ver, só existe se ambas as partes aprendem e, a partir desta troca, são geradas novas propostas.

Não temo dizer que inexistem validade no ensino que não resulta em aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 2007 p. 24).

Ao longo das oficinas, mesclamos muito a teoria com a prática. Ao final de cada encontro, sempre havia uma proposta de atividade onde as crianças deveriam criar algo. Seja perguntas em uma coletiva de imprensa, uma pauta para um programa de rádio ou uma proposta de entrevista para boletim. Evitamos ao máximo chegar com soluções prontas. Esta atitude, além de ser o fio condutor de nosso TCC, também se explica por uma percepção de que éramos agentes externos àquele local. Nunca, mesmo com o nosso conhecimento adquirido de jornalismo, seríamos os melhores pauteiros na Vila do Arvoredo, por exemplo. Somente quem vive na comunidade é capaz de pensar em temas pertinentes e importantes para comunidade.

Como há mais de trinta anos venho sugerindo (...) por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (FREIRE, 2007, p. 30).

Seja oficina, jornalismo colaborativo ou outro conceito que melhor explique nossa ação, nossa intenção sempre esteve clara. Dialogar, dialogar e dialogar com os alunos. Buscando a desconstrução do ambiente escolar institucionalizado. Para que as crianças percebessem sozinhas que a nossa proposta era diferente. Que não éramos professores, e sim alunos como eles.

## 4.2 A alegria do rádio

A decisão pelo formato do rádio pode se dizer que foi a última. A inspiração vinda do Trabalho de Conclusão de Curso de Rafael Venuto nos trouxe uma dúvida: o certo é dar prosseguimento ao projeto iniciado ou pensar em outras formas de aplicar o mesmo, ou algo parecido? O mais fácil poderia ser dar continuidade às oficinas de fotografia. Um dos resultados apresentados, a exposição fotográfica colaborativa dentro da comunidade, encheu-nos os olhos por ter demonstrado o resultado da prática com as crianças da comunidade. Porém, havia uma grande vontade de provocar os jovens à sensibilização comunicativa a partir de outra perspectiva.

Então o rádio apareceu como proposta. No primeiro momento muito pretenciosa: “vamos criar uma rádio comunitária dentro da Vila do Arvoredo!” Ao longo da produção do pré-projeto, ao perceber os empecilhos burocráticos<sup>9</sup>, a ideia se dissolveu. Um importante passo foi redimensionar o objeto real do projeto. Pensá-lo a partir das oficinas e permitir que as consequências fossem naturais, sem impor vontades e desejos pessoais. E acreditar que a simples prática da linguagem do rádio tem potencial educador.

Inclusive, a história do rádio no Brasil tem relação com este objetivo:

---

<sup>9</sup> (...) experiências radiofônicas enfrentam inúmeros obstáculos para o seu desenvolvimento, como a legislação (no Brasil, após a aprovação da lei 9612/98, ao contrário do que almejavam os movimentos comunitários, criou-se ainda mais entraves ao funcionamento das rádios comunitárias, tanto pela morosidade do Ministério das Comunicações em liberar as concessões, como pelas restrições impostas pela mesma lei que tem gerado infindáveis ações punitivas por parte da Anatel. Além de limitar o poder de alcance destas rádios e conceder apenas um único canal de funcionamento para todas, também tolhe a sobrevivência financeira e associativa do veículo, pois impede a formação de redes e a publicidade, limitada a um apoio cultural até 1000 metros de distância da sede da emissora.), a falta de subsídios e da dificuldade em manter uma programação de qualidade que, na maioria delas, depende de voluntários. (AMARANTE, 2004, p. 536 )

No Brasil, o rádio já nasceu com missão educativa e cultural. O antropólogo e professor Edgard Roquette Pinto, pioneiro do rádio brasileiro, transmitia pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 20 de abril de 1923, programação educativa e cultural. (...) Além desses conhecimentos (tradicionais nas escolas de educação formal), as emissoras difundiam concertos, espetáculos teatrais, temporadas líricas, programas infantis como Quarto de Hora de Tia Beatriz pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e Hora Infantil pela Rádio Guanabara, conselhos de higiene, radiodrama e noticiários (ASSUMPÇÃO, 1994 p. 2).

No entanto, esta característica não se manteve por muito tempo. Sabe-se que Getúlio Vargas lança em 1935 o Programa Nacional, que em 1938 vira Hora do Brasil, e que depois se intitula com o seu nome atual: Voz do Brasil. Além disso,

Em 1934, quando foi instituída a publicidade, o veículo perdeu sua função educativa e voltou-se ao lucro, ao lazer e à diversão (ORTRIWANO, 1985 p.15-17). Assim, inúmeras rádios surgiram como fonte de negócio com anunciantes (TAVARES, 1999, p. 57-58) e desenvolveu-se a arte da propaganda, visando a alcançar o ouvinte como consumidor (AMARANTE, 2004, p. 535 ).

O rádio no Brasil só voltará a ter um caráter educativo a partir do início da Ditadura Militar. Não por parte do Estado, mas sim pela oposição que começa a criar espaços alternativos para livre debate, protegidos da forte censura da época.

A partir dos anos 1970 surgiram no Brasil inúmeras correntes de lutas contra a hegemonia dos meios de comunicação, tendo como bandeira a conquista de um espaço midiático de expressão, tanto do ponto de vista da participação do público na propaganda quanto na concessão desses meios ( FESTA & LINS DA SILVA, 1986 p. 10; COGO, 1998, p 73). Estes movimentos se situaram em uma tênue fronteira entre a militância política e a marginalidade, com seus atores considerados 'fora-da-lei', uma vez que a mídia encontrava-se sob censura desde 1968, com o AI-5 (AMARANTE, 2004, p. 539 ).

A autora se refere às Rádios Livres, modalidade de jornalismo que surgiu como alternativa aos tradicionais meios de comunicação. Eram tentativas isoladas de criar espaços para disseminação de ideias contrárias ao regime militar. Outro momento, foi o surgimento das Rádio Comunitárias, que começaram a criar redes de comunicação. Um fenômeno que ganhou muita força em toda a América Latina.

Estas experiências foram riquíssimas. Porém, muitas delas podem ter gerado uma frustração para os líderes que lutavam pela consolidação da comunicação popular. Por mais que todos os regimes militares latino americanos tenham acabado, a realidade hoje não é de liberdade para rádios comunitárias atuarem como se desejava na época. Como escreveu Maria Inês Amarante, no caso do Brasil, houve um grande retrocesso com a lei 9612/98 que insignificou o poder de luta e transformação nas rádios comunitárias (ver nota de rodapé 7).

No entanto, os conhecimentos e saberes gerados por estas experiências no anos 1970 e 1980, principalmente, é de uma riqueza muito própria. São estas experiências que legitimaram a capacidade do rádio de promover uma educação emancipadora e de transformação.

O rádio já é uma escola. Ele tem o dom de transformar a vida em sonoridade, penetrando não apenas no pensamento do ouvinte, mas naquilo ele tem de sensibilidade. decodificando as mensagens radiofônicas o ouvinte elabora ideias, cria imagens, produz fantasias, enriquece o espírito, modifica ou consolida comportamentos (ASSUMPÇÃO, 1999, p. 517).

A primeira inspiração para que usássemos o formato rádio, vem do início de nossa graduação. As aulas de Radiojornalismo I, com o professor Eduardo Meditsch, foram um grande exercício de prática jornalística. O método era dialógico, também desconstruindo a figura do professor. A turma tinha autonomia para escolher pautas, distribuir funções, dar nome e linha editorial ao programa que seria realizado. Esta metodologia de ensino é inspirada nas práticas propostas pelo patrono da educação Brasileira, Paulo Freire, como o próprio Eduardo Meditsch cita em um artigo sobre o pensamento de Paulo Freire no jornalismo:

O exercício intelectual que permite a aplicação da filosofia prática de Paulo Freire nas mais diversas áreas de conhecimento merece ser permanente, e no caso do Jornalismo, deve levar em conta não somente as idéias explícitas sobre o tema, mas principalmente o arcabouço teórico e as opções de valor que edificam o trabalho do educador como uma das mais importantes contribuições brasileiras à cultura ocidental no Século XX (MEDITSCH, FARACO, 2016, p. 13).

### 4.3 Possibilidades no rádio: podcasting

Sabíamos que a rádio comunitária não seria uma possibilidade neste momento. Ao pensar qual seria nosso horizonte, pensamos em outros caminhos para seguir. A webrádio é uma alternativa para a continuidade do projeto. É um meio legal, com ampla difusão (pela internet) e de baixo custo. Porém, existe um custo, para compra dos equipamentos mínimos (ver tabela no tópico 6), o que é uma grande dificuldade frente à realidade do local. Por isso, tivemos a necessidade de pensar em outros formatos.

A internet certamente seria a nossa ferramenta essencial, tanto para a produção como para disseminação do conteúdo. Esta ideia sempre esteve conosco e foi passada, desde o início, nas oficinas. A maioria dos participantes tinha acesso à smartphones com internet e dominava muito bem os recursos tecnológicos. Nosso planejamento, então, encaminhou-se para o podcasting. Este formato surgiu, com esta nomenclatura, em 2004.

Inicialmente (...) eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta ou monólogos que faziam as vezes de audioblogs. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas ou mesmo introduzindo formatos inovadores (KICHINHEVISKY, 2017, p. 6).

Nossa escolha foi pela potência da linguagem radiofônica, mais do que pelo formato tradicional do rádio. A informalidade narrativa e a facilidade para produzir e consumir os produtos em áudio foi o que trouxemos para nosso projeto. Com a tecnologia que a comunidade têm em mãos (literalmente em mãos, no caso do smartphone), vislumbramos o caminho das redes sociais para disseminar os conteúdos que seriam desenvolvidos pelos participantes das oficinas.

Então, como queríamos a tecnologia e a facilidade de produção como aliadas, adotamos o rádio e sua linguagem como formato das oficinas. Ainda mais, porque, ao contrário da falácia que há décadas diz que o rádio está morrendo, segue-se escrevendo e estudando sobre novas modalidades de aplicação desta mídia.

Percebe-se que ganha contornos um novo formato de radiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo. (KICHINHEVISKY, 2017, p 12)

O podcasting surgiu como alternativa para situar a experiência que tivemos com os jovens. Percebemos que haveria uma possibilidade de trabalhar com a linguagem do rádio mesmo sem computador, mesa de som, microfone etc. Apenas com celulares, as crianças seriam capazes de produzir programetes radiofônicos para serem compartilhados via Whatsapp<sup>10</sup>, por exemplo.

Trabalhamos nossas oficinas para que os próprios alunos percebessem este potencial. Concluímos a produção de três podcastings durante as oficinas (faixas 2, 3 e 4 do CD). O primeiro, propomos a pauta. Mas o segundo, deixamos que o tema surgisse deles. Assim, na terceira oficina, realizaram um programa que falava sobre um jogo online que todos conheciam e jogavam. No quarto encontro, conseguimos atenta-los à importância de produzir algo que dialogasse com a realidade deles e falasse sobre a comunidade que vivem. Comentamos do potencial deste último, argumentando que os vizinhos iriam querer escutar e inclusive participar.

Claro, que esta foi uma percepção nossa, de agentes externos à comunidade. Porém, os resultados foram positivos. Todas as produções radiofônicas criadas nas oficinas tiveram uma boa repercussão dentro da comunidade e o comentários dos moradores eram orgulhosos. Este poder do podcasting vislumbrado por Kichinhevisky serviu-nos de motivação. Imaginamos que no futuro, caso o projeto siga, as crianças sejam capazes de desenvolver radiodocumentários a partir dos seus celulares. Não que esse fosse o objetivo, mas sim um horizonte para dar motivação tanto a nós como para as crianças.

---

<sup>10</sup> Whatsapp Mensseger é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas utilizado como rede social. O software é utilizado em diversos tipos de smartphome, de forma que está presente em diversos países em todo o mundo.

## 5. PRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve início no segundo semestre de 2017 durante a disciplina de Técnicas em Projetos Experimentais. Ao longo desse quase um ano de dedicação, o projeto foi sendo construído para tornar possível sua realização, sem perder sua inspiração. Como já foi mencionado, o entusiasmo surgiu do TCC “Dunal Mil Grau: olhares compartilhados”, do jornalista formado no Curso, Rafael Venuto, que defendeu o trabalho em julho de 2016. E, na verdade, podemos dizer que esta é a data embrionária do projeto “Microfone de Areia”.

Neste tópico, vamos discorrer sobre o processo de produção que tivemos antes, durante e após as oficinas de radiojornalismo com os jovens da Vila do Arvoredo. No primeiro momento, vamos dar atenção às fontes que foram parte substancial à execução deste TCC. E, posteriormente, serão pontuadas e explicadas as principais datas em que ocorreram atividades importantes ao longo de todo processo. Incluindo conversas, encontros, visitas e é claro, as próprias oficinas. A linguagem do texto será em primeira pessoa do plural, tal qual um diário de campo. Onde nós, Aramis Merki II e Lucas Weber, relataremos o que vimos e sentimos.

### 5.1 Fontes

Em setembro de 2017, Lucas se encontrava no apartamento de Rafael Venuto quando lhe disse: “Minha ideia é fazer um TCC tipo o seu, só que em rádio, sacou?” Não foi a primeira conversa entre os dois. Semanas após a aprovação do TCC de Rafael, em julho de 2016, Lucas manifestou a admiração pela atitude do colega e a vontade de seguir um caminho semelhante também.

Houve duas outras conversas importantes no apartamento de Rafael para que Lucas definisse o caminho que seguiria em seu TCC. Apesar de que a decisão realmente foi tomada apenas quando Rafael colocou Lucas em contato com Kadu, Carlos Eduardo Ferreira, morador e líder informal da Vila do Arvoredo. Quando o conheceu, Lucas sentiu uma troca de confiança recíproca. Tornaram-se amigos e Lucas percebeu que, com a parceria de Kadu, o projeto que “mirabolava” tinha

razão e possibilidade de seguir. E tudo se concretizou de fato no final de 2017, quando Aramis propôs realizar este TCC em dupla.

Kadu faz parte deste trabalho tanto quanto nós fazemos. Sua crença em nossa ideia foi o passo necessário para que nós mesmos crêssemos no projeto. Sabíamos da dificuldade de se inserir em uma comunidade, ganhar confiança dos moradores a ponto de aceitarem uma proposta como a nossa. Foi Kadu quem tornou isto possível. E é por isso que começamos o tópico 5.1 desta maneira. Queremos contar uma parte da história dele, para dar dimensão da realidade de vida desta pessoa que é muito mais que nossa fonte.

### **5.1.1 Kadu, líder informal do Siri**

Conhecer a casa da família de Carlos Eduardo Ferreira, o Kadu, é conhecer a Favela do Siri em sua intimidade. E seria, talvez, invasão de privacidade descrever, apenas por capricho, os detalhes da moradia de Andreia, Kadu, Júlia, Matheus, Miguel e Carlinhos.

O muro da casa está “banguela”. Perdeu alguns tijolos porque as crianças subiram nele. É possível que tenha sido o mais velho, Matheus, que aos 12 anos está “espichando” a cada dia.

O terreno é grande e a casa de madeira ocupa aproximadamente um quarto dele. A área não construída é tomada por mato e entulhos, com exceção da área em que o carro fica estacionado. A porta do lar dos Ferreira é voltada a esta garagem.

Ao entrar na casa vê-se em um corredor estreito formado pelo sofá e a parede do quarto. Este corredor faz as vezes de sala e, às costas do sofá, está a cozinha. Há um cordão de varal cruzando o ambiente. Nos cantos e em cima do único móvel, roupas, brinquedos, utensílios domésticos, louças, cadernos e embalagens de alimentos se misturam com diferentes objetos. Alguns tambores, feitos por Kadu, servem de banco ou de suporte para acumular outras coisas.

A cozinha recentemente ganhou fogão novo, pagamento por um serviço que Kadu fez a uma conhecida. Há ao lado um fogareiro, a centímetros do botijão de gás, que expele chamas da altura das crianças mais velhas. Para além da cozinha e

da “sala”, há um quarto com cama de casal, televisão e um berço, e outro quarto com outra televisão, um beliche construído por Kadu e mais objetos empilhados. Além de um banheiro em que a pia, na verdade um tanque de lavar roupa, também serve para lavar a louça.

Imagem 3 - Kadu, Miguel, Andreia, Júlia e Matheus. Carlinhos, com recém 19 dias, estava dormindo.



Foto: Lucas Weber

Kadu foi quem construiu a casa de madeira, ao longo dos vinte anos que vive ali. Quando adquiriu o terreno na Rua Floresta, as dunas do Siri ainda não eram ocupadas. Descrever um pouco da residência permite imaginar como a família vive e como é longa e sinuosa a trajetória de Kadu até os dias atuais. Ele diz que tem uma história de vida triste, apenas o final é que é feliz.

Carlos Eduardo Ferreira tem 39 anos. Completa quatro décadas em outubro deste ano e deseja fazer uma grande festa. Nasceu em Canoas, no Rio Grande do Sul. Saiu de casa aos 14 anos e foi viver com um vizinho. Largou a escola, morou em diferentes cidades. Veio para Florianópolis, foi sócio de uma lanchonete, se envolveu com mulheres mais velhas, tocou percussão em grupos musicais. Conheceu Andreia, sua esposa, no final de janeiro de 2004, desde então estão

juntos e tiveram quatro filhos: Matheus, de 12 anos, Miguel, dez, Júlia, seis, e Carlinhos Eduardo, nascido em maio de 2018.

Kadu afirma que usou todas as drogas do mundo. Tratou-se no Centro de Atenção Psicossocial (Caps) e frequentou o Narcóticos Anônimos de 2012 até o final de 2016. Está “limpo” há três anos e meio, e pode dizer sem pestanejar quantos dias faz que não usa cocaína nem crack. Este período é o que ele classifica como o “final feliz”.

Imagem 4 - Kadu e Miguel sobre as dunas olhando a comunidade. Ao fundo, bairro dos Ingleses.



Foto: Lucas Weber

A caminhada de Kadu é respeitada entre representantes da política institucional, líderes do tráfico e a imprensa de Florianópolis. Ele é reconhecido por sua luta contra a derrubada das moradias do Siri e pelo seu sonho de desenvolver um projeto social. Mantém contato com diferentes partidos, igrejas, associações. Não vê problemas em pedir ajuda a quem julga que poderá lhe ajudar.

O Siri já recebeu diversos projetos. É um local carente de lazer e oportunidades, portanto as iniciativas que trazem atividades aos jovens e adolescentes são, em geral, bem-vindas. Em 2016, o projeto Dunas Mil Grau, de

Rafael Venuto, levou oficinas de fotografia e fez uma exposição em meio à comunidade. Kadu não exercia liderança naquela época, mas conheceu Rafael e apoiou.

A ideia de oferecer atividades culturais e de lazer aos jovens está há anos na cabeça de Kadu. Ele tem um projeto, que encara como propósito de vida: transformar o terreno de casa na sede de um centro cultural da Comunidade do Siri. Um passo em direção a este sonho foi dado após conhecer, através de Rafael Venuto, Lucas Weber, que apresentou a proposta deste trabalho. Entusiasmado, mas sem criar expectativas, Kadu contou com Lucas e o colega Aramis para organizar oficinas de webrádio, futebol e capoeira na creche Gentil Mathias da Silva, próxima à Comunidade do Siri. Desde 22 de abril de 2018, as atividades ocorrem semanalmente.

## **5.2 Relato do projeto: o dia a dia das oficinas**

Para explicar como foi todo processo de produção, optamos por citar os principais eventos ao longo do TCC este ano, de forma cronológica. Assim, além do relato das oficinas propriamente ditas, adicionamos outros momentos em que houve conversas, orientações e entre outros acontecimentos que influenciaram diretamente no andar do projeto.

- **08/03 - Siri perigoso**

Dia do reencontro com Kadu em 2018. Depois da última vez que nos vimos, na primeira semana de dezembro, até então, só havíamos conversado por Whatsapp. Kadu achou mais prudente nos reunirmos fora da comunidade. Fomos advertidos de todos os perigos sobre a atual situação (instabilidade na gestão da facção do tráfico de drogas que estava no controle no momento). Kadu não temia começar as oficinas, mas preferiu resolver questões com os chefes da boca da comunidade antes de começar o projeto. Pela primeira vez demonstrou entender que se tratava de um TCC, que têm datas e certos compromissos. O projeto de fato tomou corpo. Relatou que estava prestes a criar uma liderança comunitária do Siri,

desvinculada do tráfico de drogas, mas por perseguições e ameaças preferiu largar tudo:

*“Tu lembra que no final do ano eu fiz algumas reuniões lá na comunidade, fiz toda a papelada e fiz todo mundo assinar. Todo mundo que precisava né? Tipo, definimos tesoureiro, vice-presidente e essas coisas. Mas daí tavam me incomodando, falando torto comigo. Resolvi jogar fora, to com filho pra nascer aí, sabe. Agora já vai dar três meses que fiz esses documentos e ai eles vencem, perdem a validade” (FERREIRA, 2018).*

- **23/03 - Cadê Kadu?**

*“Ah, fiquei sem crédito a semana inteira”*, justificou Kadu. Após Kadu sumir do Whatsapp e ficar muito tempo sem responder, achamos melhor ir à comunidade mesmo sem avisá-lo. Chegando lá, encontramos toda família em casa e fomos recebidos muito bem. *“Cês são os cara, vêm em um feriado aqui, mostra que tão interessados e têm comprometimento com o projeto. Botei fé em cês”*. Almoçamos juntos com a família. Nos reunimos com Kadu e elaboramos um documento de descrição do que se pretende realizar na comunidade. A ideia era que circulasse pela comunidade convocando possíveis oficinairos a se engajar no projeto. Kadu contou que o chefe da boca que estava lhe perseguindo morreu, não sabe quem o matou:

*“Não torço pela morte de ninguém, mas agora a coisa está mais fácil. Antes estavam me querendo, tava com medo de continuar com o projeto. Já não estou liderando tudo pela comunidade. Parei de chamar a TV quando pedem, por exemplo. Quero fazer o meu projeto, fazer que fique legal, ganhe moral e tenha dinheiro para construir uma sede própria no meu terreno. Aí sim vai tá do jeito que eu quero” (FERREIRA, 2018).*

- **29/03 - Reunião com diretora da creche (antes com Kadu em sua casa)**

Fomos à comunidade para nos juntarmos com Kadu e depois falar com a diretora para lhe pedir o uso do espaço. Ao chegar na casa, Kadu estava dormindo. *“Po cara, fiquei até as 8 da manhã jogando aqui no celular. To tri bom na sinuca.”* Só conseguimos sair uma hora depois. Kadu tocou um tema de terreiro em um tambor que ele mesmo confeccionou. Finalmente fomos os três à creche. A diretora não estava. Esperamos 40 minutos. Nós ansiosos, Kadu jogando no celular. O tempo acabou ficando curto, mas conseguimos falar com a diretora Vanusa. Ela

disse que tem interesse na parceria mas precisa falar com o conselho da creche. Pede que enviemos um email com um documento descrevendo a atividade.

- **17/04 - #vaiteroficina**

Enviamos o e-mail mas a diretora a nós não respondeu. Kadu foi quem nos comunicou da autorização de uso da creche por parte da diretora e do conselho. Decidimos fazer uma visita para deixar tudo claro com ela antes da primeira oficina, que seria realizada no próximo domingo (22/04). Chegamos lá, mas a diretora não estava na creche. Aproveitamos a ida para produzir e imprimir o cartaz de divulgação e deixar a cargo de Kadu fixá-los, pois já estávamos atrasados. Kadu levou Aramis até o trabalho. Neste dia decidimos que iniciariamos as oficinas no final de semana seguinte (22/04). Para uma compreensão mais completa dos relatos das oficinas, ver o roteiro da Oficina 1 (APÊNDICE A) e os planos de aula elaborados para cada encontro (APÊNDICE B, C e D).

- **22/04 - OFICINA 1**

Chegamos na creche por volta das 12h30. O plano era iniciar a oficina às 14h, portanto teríamos uma hora e meia para preparar o espaço. Instalamos os equipamentos (notebook e caixa de som) e organizamos os bancos do refeitório em volta da mesa onde estava instalado o notebook, de forma a criar um pequeno palco para nossas práticas.

Quando tudo estava pronto, Kadu e seus três filhos (Júlia, Matheus e Miguel) chegaram. Faltavam 15 minutos para às 14h quando decidimos que Kadu e Lucas iriam à comunidade em busca de mais participantes para as oficina. Enquanto isso, Aramis se encarregou de testar todos os áudios e vídeos.

Na comunidade, logo encontramos Emanuel e Richard, os dois de 9 anos. Ambos se interessaram em participar. Estavam sentados sob uma pedra de cimento em frente a uma casa. Cada um manuseava seu celular que estava conectado a um fone de ouvido. Pediram permissão aos pais que lhes concederam com prazer. Duas meninas que estavam em volta se envergonharam e sem pronunciar uma palavras recusaram todos os convites que lhes fizemos – posteriormente encontramos a mãe delas que se entusiasmou com a ideia, mas nem ela foi capaz de convencê-las. Kadu foi conversar com outros pais e conseguiu mais dois meninos, Brendo de seis anos e Nicolás, seu irmão mais velho de oito. A mãe dos

dois comentou “que coisa boa, faltam atividades para as crianças, ainda mais agora na greve<sup>11</sup>, eles ficam se fazer nada o dia todo”. Colocamos as crianças no carro de Kadu e voltamos à creche,

Tardamos em reunir as 6 crianças, mas com a ajuda de Kadu conseguimos – todos estavam muito eufóricos. Iniciamos nos apresentando, más, a todo momento éramos interrompidos por comentários dos mais variados assuntos. Antes de falar nossos nomes, perguntaram-nos se éramos irmãos. Aproveitamos a deixa para explicar que na verdade somos estudantes de Jornalismo na UFSC. Perguntamos se escutavam rádio. Disseram que sim e começaram a imitar suas referências, algumas, inclusive, de telejornalismo. Conseguimos cumprir com o plano do roteiro de achar uma motivação para apresentar às crianças o nosso teatro da Rádio Oficina.

“Entramos no ar” e todos alunos estiveram muito atentos e respeitosos com nossa encenação. Interagiram muito bem quando Lucas foi falar com eles interpretando um repórter que queria conhecer as crianças ali presentes. (Este momento está registrado em áudio e pode ser escutado na faixa 1 do CD, APÊNDICE E). Ao terminar esse momento, interrompemos o teatro e perguntamos o que eles acharam. “Adorei, quero me escutar em casa” foi o comentário geral. Quando íamos seguir com o próximo ponto, a história do rádio, as crianças não paravam de se levantar para beber água no bebedouro, de maneira que achamos prudente fazer uma “pausa pra água”. Que acabou se estendendo para um pequeno recreio na piscina de bolinhas que havia no espaço da creche que estávamos utilizando.

Quando voltamos a reunir todos a nossa volta, Lucas começou a explicar, enfim, a história do rádio. Não conseguimos passar todas as informações que desejávamos, pois eles rapidamente perdiam o foco quando não havia interação. Impressionou-nos a rapidez cognitiva que, a partir de uma fala nossa, se lembravam de outro fato e queriam compartilhar-lo. Por exemplo, quando Lucas citou Getúlio Vargas e Emanuel pediu a palavra para explicar o que sabia sobre a origem do nome da cidade de Florianópolis – seguindo-o, um amigo do general Floriano Peixoto quis homenageá-lo.

---

<sup>11</sup> O início das oficinas coincidiu com o período de greve dos Servidores Municipais em protesto contra o projeto de lei da prefeitura que permite a contratação de Organizações Sociais para administrar alguns serviços de Saúde e Educação do município.

Na sequência, exibimos a vinheta mais conhecida da Voz do Brasil e, durante a parte instrumental, eles se animaram e dançaram ao ritmo da batucada. Depois, a maioria disse que já tinha ouvido no rádio.

Prosseguimos com o nosso roteiro: falamos sobre radionovelas, e este momento não prendeu a atenção deles. Quando falamos do futebol no rádio, trouxemos a narração de Jorge Curi do célebre gol de Carlos Alberto Torres na final da Copa do Mundo de 1970 contra a Itália. Antes de ouvirmos, algumas crianças se anteveram para comentar que foi a Copa do Pelé.

Ouvimos a narração duas vezes e eles ficaram muito interessados – inclusive Kadu se aproximou para identificar o gol. Todos estavam curiosos em descobrir quem é que tinha feito o gol. Lucas fez, então, uma enquete: “Levanta a mão quem acha que foi o Carlos Alberto? E quem acha que foi o Pelé?” A maioria chutou a segunda opção. Finalmente, mostramos o vídeo do gol sincronizado com a narração para lhes dar a resposta. Matheus foi o único que acertou.

Depois de um pouco de agitação todos se sentaram no chão ao lado de Aramis, que começou a falar sobre os meios de comunicação. Perguntou-lhes onde é que se pode ver TV, ouvir rádio e ler jornal em um só lugar, uma ferramenta que está no celular e no computador de todos. Eles arriscaram muitos palpites até acertar: Minecraft, jogos de tiro, crédito de celular, WI-FI, Youtube, placa de vídeo, Google, cartão de memória etc. Quando acertaram, que a ferramenta era a internet, comentamos exemplos do uso dela para a comunicação. Falamos de Rene Silva e do Voz da Comunidade<sup>12</sup>. Eles ficaram curiosos sobre quem era, se era famoso e quantos anos tinha.

Convidamos todos para assistir a uma reportagem em vídeo do Voz da Comunidade (uma matéria sobre um poste sem luz no Complexo do Alemão). Perguntamos o que eles entenderam e Richard, com muito entusiasmo, resumiu detalhadamente o que havia visto. Eles pediram para ver o Rene, foi a deixa que precisávamos. Na semana anterior a oficina, entramos em contato com o Voz da Comunidade via e-mail e explicamos sobre nosso projeto. Comentamos que estava no nosso roteiro apresentar aos alunos o Voz da Comunidade. Pedimos para Rene gravar um vídeo curto e simples comentando da experiência do projeto e se ele

---

<sup>12</sup> Voz da Comunidade é um portal de notícias multimídia criado em 2005 por Rene Silva, na época com 11 anos de idade, para relatar sobre a vida nas favelas do Complexo do Alemão. Retratando não só os problemas, mas também as boas histórias que se passam no cotidiano da comunidade. Hoje, além de site, eles tem um perfil no Twitter no Facebook com 135 mil curtidas.

percebia que funcionava como uma comunicação alternativa aos aos principais grupos de comunicação. Duvidaram que havíamos conversado com ele e pedido este vídeo justamente para o nosso encontro. Queriam que naquele momento falássemos com Rene. Convencemo-lhes de que não seria possível, mas que futuras parcerias são possíveis.

Imagem 5: Aramis, Emanuel, Matheus, Richard e Miguel são os quatro do primeiro plano olhando a reportagem na tela



Foto: Lucas Weber

Na sequência, Emanuel pediu para mostrar um vídeo seu no Youtube. O que nos surpreendeu. Comentamos que após a oficina daríamos um tempo para ver-lo. Eles voltaram a se sentar e a Rádio Oficina voltou “ao ar”. Fizemos nosso teatro com a participação de Kadu interpretando o prefeito João Loirinho. Como estava no roteiro, Aramis abre o programa dizendo que há uma grande notícia, que o prefeito está na Comunidade do Siri, e convoca Lucas para ir atrás. No entanto o prefeito diz que só irá falar numa coletiva de imprensa em poucos instantes.

Nesse momento, pausamos o teatro para lhes explicar o que ia acontecer. Queríamos o apoio deles para entrevistar o prefeito. Começamos dizendo o que é e como funciona um coletiva de imprensa. Matheus já sabia e conseguiu ajudar a explicar. Neste momento o barulho de uma furadeira começou no prédio ao lado, e se estendeu até o final da oficina.

Algumas crianças conseguiram pensar sozinhas em uma pergunta, outras tivemos que ajudar a formular-la. Enquanto Lucas as escrevia para cada um, Aramis ia ensaiando com eles. Finalmente começamos a atividade. Todos perguntaram sem se intimidar. Lucas levava o microfone até cada um e depois até Kadu para responder-lhes. Richard e Miguel, inclusive, fizeram outra pergunta que pensaram na hora.

Concluimos a atividade com êxito. Fomos à parte final da oficina. Perguntamos o que acharam e todos responderam que gostaram e iriam voltar na outra semana. No entanto, já estavam muito dispersos e ansiosos para jogar futebol. De maneira que não foi possível passar a tarefa prevista.

A oficina ao todo teve aproximadamente 1h30. Emanuel pôde mostrar seu vídeo, mas poucos deram atenção. Começamos arrumar as coisas enquanto Kadu iniciava a oficina de futebol. No entanto, tivemos que deixar tudo como estava porque nossa presença, para as crianças, era fundamental para começar o futebol.

Imagem 6: Da esquerda para direita, Richard, Matheus, Brendo, Nicolas, Manuel, Aramis, Miguel e Lucas



Foto: Carlos Eduardo Ferreira

- **25/04 - Reunião com Roque + encontro com Kadu no HU**

Fomos à rádio para conversar com o servidor técnico do Laboratório Luís Roque Bezerra sobre as possibilidades que tínhamos para simular uma rádio na Oficinas 2. Sua ajuda foi de altíssima valia. Extremamente atencioso, criativo, paciente, além de demonstrar um grande interesse pelo projeto. Saímos de lá com um plano tanto para a próxima oficina como a seguinte também. Decidimos que a Oficina 2 seria com a caixa de som, emprestada pelo colega Giuliano Bianco, conectada a um microfone do Laboratório de Rádio e ao notebook do Kadu. A gravação seria captada externamente com um gravador de mão da rádio. Somente para as oficinas 3, 4 e 5, usaríamos o mixer de áudio do Laboratório, que realmente simula uma rádio.

Imagem 7: Equipamentos utilizado nas oficinas 3, 4 e 5. Mixer, dois microfones, caixa de som e o celular



Foto: Taynara Nakayama

Depois deste encontro, Aramis foi trabalhar e Lucas foi almoçar. Justo ao sair do Restaurante Universitário, Kadu ligou para Lucas dizendo que estava com seu cunhado no Hospital Universitário e se poderiam se ver. Lucas foi ao seu encontro.

Conversaram sobre a próxima oficina e Kadu se mostrou de acordo com a proposta. Decidiram que seria melhor aproveitar aquele momento mesmo para fazer os cartazes de divulgação a Oficina 2. Então foram os dois à copiadora da Biblioteca Universitária e produziram e imprimiram ali mesmo. Se despediram e Kadu voltou com os dez cartazes copiados para colar pela comunidade.

- **29/04 - OFICINA 2**

Chegamos no mesmo horário da semana passada. Apesar do segurança não ter sido avisado, ele rapidamente entrou em contato com a diretora que lhe deu autorização para que passássemos. Organizamos o espaço enquanto esperávamos Kadu. A caixa de som, equipamento emprestado pelo colega de curso Giuliano Bianco, estava com problema na fonte de energia, mas a bateria interna funcionou ao longo de toda oficina.

Antes de Kadu, chegaram três jovens que não haviam vindo na semana anterior. Guilherme, 13 anos, Patrick, 15 anos e Gabriel, 16 anos. Foi inesperado terem chegado sem Kadu e por serem mais velhos. Nos apresentamos e naturalmente tivemos uma boa conversa, já antecipando assuntos da oficina (inclusive para além do rádio). Mostraram-se interessados, mas foram jogar futebol enquanto não iniciava as atividades.

Kadu chegou junto com o restante - eram tantas crianças que teve que fazer duas viagens de carro da comunidade à creche. Ao total eram oito: Sheron, sete anos, Yasmin, dez anos, Erik, sete anos, Arthur, seis anos, Rafael, dez anos. Além destes, vieram quase todos da semana passada, à exceção de Brendo e Emanuel. Por tanto vieram, Nicolas, Richard, Matheus, Miguel.

Em meio à desordem total, onde as crianças perdidamente corriam por todos os lados aos berros, nos reunimos com Kadu e achamos que seria mais produtivo dividir em dois grupos, acima de dez anos e a baixo. Desta maneira, Kadu iniciou à oficina de futsal (amparado por alguns equipamentos que lhe emprestamos) e nós nos reunimos com os quatro mais velhos (Gabriel, Guilherme, Patrick e Matheus).

Iniciamos nossa oficina explicando a proposta de produzirmos um programa noticioso sobre as próprias oficinas. Aramis introduziu explicando o conceito de reunião de pauta. De fato simulamos uma, incentivando-os a pensar no que deveria entrar no programa. Demos algumas dicas, mas surpreendeu-nos como rapidamente compreenderam e inclusive anteciparam sugestões que iremos propor.

Foi o caso de Gabriel, que falou que se o programa é sobre as oficinas, um de nós (Lucas e Aramis) deveria ser entrevistado.

Neste meio tempo, chegou mais uma criança. Lucas Emanuel, de dez anos, já era conhecidos pelos demais que recomendaram que se somasse ao grupo dos mais velhos. Desta maneira, pedimos que um deles lhe explicasse o que já havíamos combinado e o qual seria sua tarefa.

Enumeramos os entrevistados, dividimos a equipe e coletivamente pensamos nas perguntas. O primeiro entrevistado seria Kadu, por ser líder comunitário e idealizador do projeto. Guilherme ficou responsável de perguntar as motivações que o levaram a realizar as oficinas. O segurança da creche foi entrevistado por Patrick. Que lhe perguntou se já havia visto ou participado de uma oficina de rádio para jovens. Lucas Emanuel ficou encarregado de entrevistar Miguel (que estava com o grupo dos menores) por ter participado da Oficina I. O último entrevistado foi Aramis. Matheus perguntou se as oficinas tinham algum patrocínio - sugestão dada por Patrick na reunião de pauta.

Imagem 8: Patrick, Guilherme, Aramis, Matheus e Gabriel na elaboração das perguntas para os entrevistados



Foto: Lucas Weber

Enquanto Lucas Weber passava os áudios das entrevistas para o computador, acompanhado por Gabriel, Aramis auxiliava Patrick a escrever o

roteiro. Matheus sugeriu que ao final do programa poderia haver o momento “piada sem graça”. Todos curtiram a ideia e aceitaram, Patrick adicionou ao roteiro.

Depois de alguns ensaios fomos gravar o programa. Todos respeitaram o silêncio e a concentração necessária. Gabriel ficou responsável pela técnica (reproduzir as vinhetas e as entrevistas) enquanto que Patrick foi o apresentador.

Para a produção deste programa, utilizamos um celular para fazer as entrevistas. A exibição/gravação foi um improviso que decidimos previamente junto com Leslie e Roque. Com a caixa de som que tínhamos emprestada, foi possível conectar um microfone balanceado do Labradio e também um cabo auxiliar conectado ao notebook. A caixa era capaz de reproduzir os dois ao mesmo tempo com diferentes controladores de volume para cada função. A gravação se deu externamente através de um gravador do Labradio. (Programa disponível no APÊNDICE F)

A primeira tentativa acabou falhando por problema técnico com o notebook. Porém, logo na segunda conseguimos concluí-lo. Todos estavam entusiasmados e queriam ouvir o resultado. Acharam satisfatório e se empolgaram em continuar com a oficina na semana que vem. Surgiu a ideia de fazer algo relacionado ao futebol.

Imagem 9: Rádio Oficina no ar! Aramis, Gabriel, Patrick e Matheus no fundo. Lucas e Guilherme sentados de costas



Foto: Lucas Weber

Assim como na semana passada, ao final da oficina os alunos já estavam mais interessadas em jogar futebol. Porém foi possível combinar de voltarem semana que vem com ideias para o próximo programa. Pegamos o Whatsapp de Patrick para na segunda lhe enviar o áudio do programa.

Houve um pequeno intervalo, onde nós dois conversamos sobre o resultado da primeira turma e acertamos detalhes de como seria com os mais jovens. Convocamos todos e todas para iniciar a oficina, o que, como sempre, tardou.

Estavam todos muito dispersos tendo dificuldades para compreender a proposta. Decidimos não passar conceitos teóricos, apenas praticar a entrevista ao vivo. Sugerimos que quem veio na primeira semana, faria perguntas ao novos participantes. Aramis se encarregou de fazer esta divisão enquanto Lucas Weber se preocupava com os alunos que não se mantiveram em roda.

Imagem 10: Da esquerda para direita, Manuel, Arthur, Richard, Nicolás (atrás de Richard), Aramis e Miguel (sentado)



Foto: Lucas Weber

Finalmente conseguimos acalmá-los e iniciar o programa. Aramis se encarregou de apresentar e fazer a técnica (soltar a vinheta inicial que produzimos ainda para a primeira oficina). Começou uma roda de perguntas. Algumas crianças ficaram tímidas, mas a medida que outro falava, iam se soltando até que finalmente

não houve quem ficou quieto. Os comentários eram os mais diversos possíveis. No início se manteve um padrão de perguntar nome idade e o que estava achando. Porém, na segunda rodada, começaram a mandar mensagens para familiares ou contar piadas. Se não decidíssemos que era hora de acabar, certamente o programa se estenderia por mais tempo. Ficou muito evidente como gostaram da atividade. Tinham muito entusiasmo em falar no microfone. E ao final comentaram inclusive que amavam a rádio oficina. (Programa disponível no APÊNDICE G)

Ao final, todos se juntaram próximo à quadra. Fizemos um fechamento agradecendo a vinda de todas e todos e pedimos que voltassem na semana que vem. Kadu tentou realizar um jogo de futebol entre todos, mas as crianças se dispersaram e ficou apenas os meninos mais velhos jogando. Fomos embora eram quase 17:00.

- **02/05 Almoço em família no Siri**

O descontrolado das crianças, principalmente os mais jovens, nos assustou na última oficina. Percebemos que seria impossível darmos conta, mesmo com o apoio de Kadu. Decidimos, então, que era necessário conversar com Kadu e convencê-lo de agilizar a vinda de outro oficinairo nos domingos à creche. Ele já havia dito inúmeras vezes que tem um amigo capoeirista que estava afim de ajudar.

Combinamos com Kadu e fomos visitá-lo na quarta-feira. *“Só vêm. Tragam um quilo de carne, se puderem.”* Recebemos por Whatsapp. Chegamos lá com o combinado e tudo transcorreu muito bem. Tivemos tempo para conversar sobre as crianças e Kadu estava de acordo. Inclusive, na hora mesmo, tentou ligar ao amigo capoeirista. Mas o mais proveitoso da ida foi o contato com a família. É outra realidade, outras normas sociais, mas nada que impeça um bom papo. Conversamos muito com Andreia e brincando com Júlia. Escutamos juntos o programa gravado na última oficina e a mãe ficou bem orgulhosa do desempenho dos filhos.

- **06/05 - OFICINA 3**

Em mais um dia de sol, chegamos nos Ingleses. Antes de entrar na creche, fomos à farmácia comprar um presente para o chá de bebê de Andreia. Em seguida entramos na creche. Preparamos o espaço e instalamos os equipamentos. Desta vez, levamos o mixer de áudio, aparelho capaz de captar sinais do microfone e do

computador e transmiti-los a um aparelho que os grave ao mesmo tempo que, se conectado a uma caixa de som, pode reproduzir pelo falante. Emprestado pelo Laboratório de Rádio, tínhamos também dois microfones e muitos cabos. Usamos o notebook de Kadu, uma caixa de som do colega Giuliano Bianco e o celular de Lucas para gravar (conectado ao mixer).

As crianças começaram a chegar. Primeiro Patrick, Guilherme, Samuel, Alexsander, Gabriel Roberto e Maicon. Nos apresentamos aos novos, mas como Kadu ainda não havia chegado, deixamos que fossem jogar futebol. Os que vieram na oficina anterior estavam muito entusiasmados em contar que conseguiram trazer novos alunos. Pouco depois chegaram Richard, Sheron, Miguel e Matheus, trazidos pela mãe de Richard e Sheron. Finalmente, chegou Kadu com seu cunhado, Francisco. Tivemos uma rápida reunião com Kadu e decidimos dividir o grupo novamente entre mais velhos e mais novos.

O grupo que começou a oficina de rádio foi: Matheus, Gabriel Roberto, Alexsander, Maicon, Patrick, Samuel e Guilherme. Primeiro propomos de ouvir o programa feito na oficina anterior. Todos se entusiasmaram, inclusive quem não havia participado. Após a audição sentamos em círculo para fazer a reunião de pauta. Rapidamente contextualizamos o que realizamos nas oficinas anteriores para quem ainda não havia vindo. Falamos de fazer um outro programa, mas desta vez com debate. A nossa ideia era fazer sobre a Copa do Mundo, afinal, eles mesmos haviam comentado que gostariam de falar de futebol. No entanto, fomos surpreendidos quando surgiu uma outra proposta, um programa sobre tecnologia.

Muitas ideias surgiram. Eles se atropelavam nas falas e custavam a respeitar o momento de fala do outro. Mas em um clima agradável, de excitação para criar em conjunto uma proposta. Até que de repente, Guilherme e Alexsander notaram que a camiseta de Lucas tinha estampada “Capetown”. Reconheceram o nome por ser um cenário do jogo de celular. O tema contagiou a todos. Rapidamente virou assunto e passaram a nos explicar o que era - desconhecíamos por completo. O jogo de tiro chamado Free Fire – mais comumente utilizado na plataforma de aplicativo para celular. Ele funciona online e tem uma abrangência mundial.

Foi inevitável que sugeríssemos este tema como pauta para o programa. Apenas Matheus estava quieto por nunca ter jogado. No entanto, não se incomodou e decidimos o tema por unanimidade.

Explicamos que o programa desta oficina seria mais complexo. O apresentador deveria introduzir o tema e chamar os boletins feitos pelos repórteres. Os boletins deveriam conter informações que seriam colhidas na internet, e não em entrevistas. Antes de dividir as funções, decidimos quais seriam as pautas. Um dos boletins seria sobre a história do Free Fire e outro sobre o público que o consome. Para cada uma das pautas, sugerimos questionamentos e os provocamos: o que uma pessoa que não conhece o jogo precisa saber?

Em seguida, perguntamos a eles o que gostariam de praticar nesta edição. Entre eles próprios, se dividiram cordialmente entre as funções de apresentação, comentários, técnica, e reportagem. Nós nos dividimos para auxiliar cada repórter. No processo, todos participaram da produção da matéria, contribuindo com as pesquisas e com a redação do texto que seria locutado. Para termos mais uma fonte de acesso à internet, Gabriel Roberto foi até sua casa buscar o celular.

Algumas das informações estavam na descrição do próprio aplicativo. O site Wikipédia também foi consultado. Eles já sabiam de muitas coisas, pois pesquisam sobre o jogo e participam de grupos no Facebook. Os repórteres Patrick e Matheus escreveram o texto do boletim à mão, assim como Gabriel R., que produziu o roteiro. Com os boletins escritos, os gravamos no celular.

Lucas foi passando os áudios do celular para o notebook, enquanto os comentaristas se preparavam para responder as perguntas que o apresentador faria no ar. Nesta hora, surgiu novamente a ideia de fazer o “momento piada sem graça”, aceita por todos. Samuel, que ficou disperso na produção dos boletins, se interessou e quis contar a piada.

Finalmente na mesa, após uma certa dificuldade para manter o controle, conseguimos que todos ficassem à postos. Guilherme foi o responsável pela técnica. Lucas explicou para ele como modular os microfones e reproduzir o material sonoro no notebook. Ele ficou um pouco inseguro. Na hora do programa ir ao ar, Patrick estava ao seu lado e foi quem assumiu a técnica. A primeira tentativa não deu certo porque a vinheta errada foi disparada. Na segunda, o programa foi até o final. No “momento piada sem graça”, Samuel ficou nervoso e não conseguiu falar. Rapidamente, ainda no ar, Guilherme tomou o microfone da mão de Samuel e contou a piada. Posteriormente, editamos esta parte, inclusive a pedido dos alunos. (Programa disponível no APÊNDICE H). Ao concluir, eles puxaram uma salva de palmas, e ao perceber que tudo deu certo foram correndo jogar futebol.

Acompanhamos o futebol, que durou meia hora. Não realizamos a oficina com a turma dos mais novos por uma questão de tempo. Além de ter tardado mais que o previsto, havia o chá de bebê. Isso nos ajudou a perceber quem dos mais novos estava realmente interessado em fazer a oficina de rádio (Richard e Miguel). Os dois, ao perceberem que não haveria oficina com os mais novos, ficaram tristes.

Fomos caminhando junto de Kadu, seus filhos, o cunhado e outras crianças à comunidade. Participamos de chá de bebê. Nos estendemos por pouco mais de uma hora e voltamos para casa.

Na segunda-feira, dia após a oficina, fomos surpreendidos ao sermos adicionados em um novo grupo de Whatsapp. Patrick, por iniciativa própria, criou um grupo chamado 'Rádio Oficina' e, além de nós, adicionou alguns outros participantes cujo telefone tinha salvo em seu celular. Está já era uma ideia que tínhamos, mas ainda não havíamos sentido confiança para propor. No entanto, a iniciativa vindo por parte deles, foi recebido com muita euforia e emoção por nossa parte. Aproveitamos para adicionar outros alunos que tínhamos o celular e o Kadu - inclusive a pedido das crianças. A partir deste momento, singularizamos nossas conversas por esta via.

- **11/05 - OFICINA 4 (parte I)**

Para a quarta oficina, planejamos diferente nosso cronograma. Seguindo o calendário inicial, ela cairia no dia 13 de maio, ou melhor, segundo domingo do mês, conhecido dia das mães. Não precisamos discutir para chegar ao consenso que não seria vantajoso para ninguém realizar uma oficina neste dia. Assim, optamos por fragmentar a atividade. Realizando a primeira parte na sexta-feira anterior ao dia das mães, e finalizando no outro domingo, dia 20. (Na data, a greve dos Servidores Municipais ainda estava em vigor, de forma que as crianças não tinham aula na sexta-feira que fomos)

Chegamos à comunidade pela manhã, era por volta das 10:20. Desde a noite anterior estávamos convidando, através do grupo de Whatsapp criado pelos alunos na semana anterior, as crianças para nos encontrarmos às 10:30 em frente à casa de Kadu. Avisamos que tínhamos uma atividade a ser realizada na própria comunidade. A resposta deles foi pequena, e nenhuma confirmação chegou. De fato, às 10:30 havia apenas nós no ponto combinado. Assim, decidimos entrar na casa.

Matheus, filho de Kadu, estava sentado no degrau de acesso à casa e logo veio abrir o portão para nós. Cumprimentamos toda a família – todos sentados no sofá da sala. Andreia estava com seu pé apoiada sobre a coxa de Kadu, que com uma pinça, tratava de tirar dois bicho de pé alojados no corpo de Andreia. Comentaram como isto é comum. *“Eu não ando descalço, mas mesmo assim eles sempre me pegam. Olha as crianças, que não cuidam nada, sempre tem um”* comentou Andréia, enquanto Miguel e Matheus nos mostravam como de fato seus pés estavam infestados pelo inseto.

Para esta primeira parte da oficina, planejamos reunir os alunos, conversar sobre o último programa, colher suas percepções e propor para um novo programa um pouco mais complexo. Iriamos sugerir que eles conversassem com as pessoas da comunidade sobre o que eles achassem relevante. Nossa ideia era perguntar o que os moradores gostariam de ouvir em uma rádio da comunidade.

Kadu se dispôs em ajudar a encontrar os alunos. Levou-nos inicialmente à casa de Patrick e seu irmão Gabriel (que havia participado apenas da segunda oficina e não da terceira por estar castigado pelo seu pai). Ao chegarmos, Jorge, pais das crianças, recebeu-nos. Logo os filhos apareceram. Propomos a ideia, que não foi muito bem aceita pelo pai. Kadu argumentou sobre como era importante. Jorge perguntou quanto tempo duraria. Respondemos que não chegaria a uma hora. Finalmente cedeu e liberou os filhos.

A partir daí fomos guiados pelas próprias crianças que sabiam onde os outros moravam. Nesta caminhada pela comunidade, tivemos o prazer de ouvir uma bela sugestão de Patrick: *“Seria massa colocar umas caixas de som nos postes pra todo mundo ouvir a rádio né”*. As outras crianças se empolgaram e concordaram. Assim como nós, que dissemos que era uma excelente ideia. Conseguimos juntar mais dois alunos: Lucas Emanuel (que havia ido na segunda oficina) e Guilherme (presente na segunda e terceira oficina). Neste meio tempo, Kadu foi buscar seus dois filhos, Matheus e Miguel.

Nos reunimos em roda e explicamos nossa ideia. Apesar de falarem pouco, demonstraram que haviam compreendido a proposta e inclusive se interessaram. Ao lhes perguntar sobre o que deveríamos entrevistar às pessoas, as ideias vieram ao encontro do que tínhamos pensados. “Podemos perguntar que oficina querem ver aqui”, sugeriu um, “ou o que está faltando na comunidade”, outra criança falou. Junto com a pergunta sobre a programação da rádio, compomos nossa entrevista.

Imagem 11: Miguel, Matheus, Kadu, Lucas, Patrick, Gabriel, Guilherme e Aramis em roda nas ruas da comunidade



Foto: Lucas Weber

Dividimos o grupo em dois, utilizando o clássico “dois ou um”. Cada grupo foi com um de nós dois. O primeiro grupo utilizou o celular de Patrick para fazer as gravações e o segundo de Lucas Weber.

No grupo de Lucas, foram realizadas cinco entrevistas. Matheus e Gabriel demonstraram certa insegurança e muito nervosismo. No entanto, praticaram com êxito as duas entrevistas que fizeram. Lucas Emanuel, o menino mais jovem de todos os alunos, foi o que demonstrou melhor desenvoltura. Não só na prática de perguntar e segura o celular bem posicionado, mas também na apresentação com a fonte: explicou quem era e qual era o objetivo da entrevista.

No grupo de Aramis, foram realizadas três entrevistas. Apesar de mais curtas, estava carregadas de mais conteúdos. Tanto Patrick, Guilherme e Miguel, tiveram dificuldade de realizar as entrevistas, de forma que Aramis foi importante para que elas fossem realizadas. Apenas Miguel não venceu a vergonha e não entrevistou.

Após a prática, nos reunimos na frente da casa de Kadu e fizemos uma última conversa. Eles gostaram do resultado e se demonstraram empolgados no próximo encontro. Inclusive perguntaram se não seria possível fazê-lo amanhã.

Diante da indisponibilidade da creche em ceder o espaço outro dia que não fosse domingo, dissemos que o ideal era deixar para semana que vem.

Ao ver o horário, Patrick e Gabriel se deram conta que necessitavam ir para buscar sua irmã menor. Os dois se despediram e foram seguidos pelos outros meninos. Ficamos mais alguns minutos com Kadu e sua família e logo nos despedimos.

- **20/05 - OFICINA 4 (parte II)**

No sábado anterior a oficina, descobrimos, via Whatsapp, que Patrick, Gabriel, Lucas Emanuel, Gabriel Roberto e Alexander não estariam presentes devido a uma festividade da Igreja que frequentam. Mesmo com estes desfalques, conversamos com Kadu e optamos por realizar a oficina. O que realmente mudou, foi o nosso planejamento. Decidimos não produzir com os alunos um programa em cada uma das oficinas restantes. Optamos por reunir tudo em um grande produto final. Assim, o que foi produzido na oficina de sexta-feira, dia 11, (entrevistas com a comunidade) ficou para compor o programa da quinta oficina. Somando-se ao que propomos ao alunos nesta oficina, que está relatado abaixo.

Chegamos no mesmo horário de sempre. Pouco antes das 12:30 já tocamos a campainha da creche. Mais uma vez o segurança nos recebeu com poucas palavras porém amigavelmente. Preparamos a estrutura, almoçamos o que havíamos levado e aguardamos os alunos e Kadu.

Desta vez, muitos chegaram antes das 14:00. Os primeiros foram Guilherme com Gabriel Souza, um menino que havia ido na terceira oficina porém não havia participado. Logo após, Gabriel Paz, irmão de Guilherme, e um outro amigo também chegaram. Bem mais velhos, até se demonstraram curiosos pela oficina de rádio, porém foram apenas para jogar futebol. Finalmente, Kadu chegou trazendo oito crianças: Richard, Matheus, Miguel, Júlia, Sheron, Yasmym, Thabata e Arthur.

Reunimo-nos na quadra de futebol e dividimos o grupo. Desta vez não escolhemos pela idade. Optamos por deixá-los livres dando preferência a quem estava participando com frequência. A equipe de rádio ficou: ficou Matheus, Miguel, Richard e Guilherme.

Apresentamos nossa ideia: Produzir um material, reunir com o que foi produzido na semana anterior e utilizar tudo em um programa da quinta oficina. Os meninos se empolgaram e toparam a ideia.

Para decidir a pauta, iniciamos falando do jornalismo com serviço de utilidade pública. Provocamos as crianças a pensar em um tema atual, algo que estava acontecendo naquela semana e que fosse útil para a população. Nossa ideia era que falassem sobre a onda de frio que justo havia chegado. Eles compreenderam a proposta e decidimos juntos produzir um boletim sobre a gripe.

Primeiro, realizamos a reunião de pauta. Eles entenderam quais pontos eram importantes a serem abordados: prevenção, sintomas e tratamento. Auxiliamos os meninos a escreverem o texto. Matheus e Guilherme que eram mais velhos se encarregaram de escrever. Neste momento, Richard se desinteressou pela proposta e pediu para sair. Dissemos que se fosse, não poderia voltar para “falar no microfone”. Mesmo assim se foi.

Imagem 12: Guilherme, Matheus, Lucas Weber e Miguel sentados elaborando o texto do boletim sobre a gripe



Foto: Aramis Merki II

Para produzir o texto, utilizamos o computador de Kadu e a internet concedida pela creche. Buscamos fontes confiáveis, lemos todo o material e selecionamos o que nos interessava. Fomos passo a passo completando cada

ponto da pauta e ao mesmo tempo estruturando e hierarquizando o boletim. Neste momento, Matheus se destacou, mostrou ampla compreensão e iniciativa.

Com o boletim escrito, dividimos quem iria falar cada parte. Matheus e Guilherme assumiram sem problemas, mas Miguel se demonstrou um pouco reticente devido a dificuldade na leitura. Aramis conversou com ele e o convenceu de participar, mesmo falando apenas uma frase.

Ensaíamos quatro vezes antes de gravar. O pequeno número de participantes facilitou a concentração do grupo e que pudéssemos organizar bem as funções e treiná-las. Gravamos a primeira vez e todos, inclusive os alunos, concordaram que ficou insatisfatório e que era melhor refazer. A segunda vez, mesmo com a melhora, os problemas de nervosismo se repetiram, prejudicando a locução. Antes da terceira tentativa, reproduzimos a gravação e fizemos que todos percebessem seus erros. Ao gravar pela terceira vez, antes mesmo de avaliarmos em conjunto, os meninos se disseram satisfeitos e pediram para ir jogar futebol. Concordamos que já era hora.

Imagem 13: Miguel, Richard, Aramis, Matheus e Guilherme (primeiro plano) na apuração de informações para o boletim



Foto: Lucas Weber

Depois que as crianças se foram, colocamos o boletim recém gravado para tocar. Foi uma decepção ao percebemos que os equipamentos não funcionaram

como o programado. O áudio não foi captado pelo cabo conectado no mixer da Rádio, e sim, o microfone do celular registrou através do auto-falante da caixa de som que usávamos com retorno. O alívio foi lembrar que Roque tem todo o conhecimento e disposição para tratar o áudio e melhorar sua qualidade.

Enquanto arrumávamos o espaço, Guilherme Kunert, amigo de Kadu, professor de capoeira e de Educação Física da creche, chegou. Havia sido convidado por Kadu para realizar oficinas de capoeira com as crianças aos domingo. (Desde as primeira conversa que tivemos com Kadu, ainda em 2017, a ideia de oficinas de radiojornalismo, eram apenas mais uma das atividades que seriam propostas à comunidade. Kadu, como líder comunitário, estava buscando parcerias para implantar projetos sociais que proporcionasse qualidade de vida a Vila do Arvoredo. Houve muita dificuldade para que todas essas ideias caminhassem juntas. Quando começamos as oficinas de rádio, apenas a de futebol iniciou junto. Estávamos sempre debatendo novas possibilidades de oficinas para não sobrecarregar o nosso trabalho.) Nos reunimos os quatro para conversar. Ficou decidido que a primeira oficina de capoeira seria realizado no dia três de junho. Também o convidamos para que viesse na semana seguinte (27/05) para ser entrevistado pelos alunos. Terminamos o dia assistindo as crianças jogarem futebol.

- **27/05 - OFICINA 5**

Nesta domingo, tivemos a companhia da jornalista e ex-aluna da UFSC Taynara Nakayama. Ela esteve presente para registrar a oficina em fotos (presentes neste relatório). Nós três fomos juntos de ônibus, e no caminho encontramos mais duas colegas que faziam uma entrevista com Kadu sobre a situação habitacional da comunidade do Siri.

Chegamos na creche no horário de costume, pouco antes das 12:30. Preparamos o “estúdio” e depois almoçamos. Um pouco atrasado, Kadu chegou de carro com Miguel, Matheus e Yasmym. Já estavam outras pessoas presente, mas estas tinham ido somente para a oficina de futebol.

Como a maioria dos alunos habituais não estava presente, Lucas propôs a Kadu que fossem até a comunidade chamá-los. Quando estavam a caminho, no carro de Kadu, viram o grupo de garotos se aproximando com entusiasmo: Patrick, Gabriel Ohana, Guilherme Paz, Lucas e Samuel além de Bernardo, estreante.

Ao chegar na creche, todos foram correndo para a quadra de futsal, onde muitos já estavam jogando. Kadu organizou três times, e os garotos que participariam da oficina jogaram uma partida antes de irem “fazer a rádio”. Ao fim, nossa oficina começou pouco depois das 15 horas.

Fizemos uma roda com as crianças e iniciamos a reunião de pauta. Comentamos que ao longo das últimas oficinas, havíamos produzido muito material que ainda não havia sido divulgado (as entrevistas com moradores da comunidade e o boletim sobre a gripe). Propomos de reunir tudo isso e realizar o maior programa que já havíamos feito até então. Porque, além do conteúdo já pronto, sugerimos de fazer um boletim de divulgação da oficina de capoeira marcada para o domingo seguinte. Ao longo da semana, estivemos conversando com Guilherme Kunert, o professor de capoeira, para que ele nos encontrasse na creche naquele domingo, e desse uma entrevista ao vivo para os alunos. No entanto, no dia ele nos avisou que não poderia, tampouco realizar a conversa por telefone. Assim optamos que realizar um boletim pesquisando novas informações na internet.

Imagem 14: Reunião de pauta entre todos participantes da oficina 5. (Ao fundo, as duas meninas sentadas são Lavinia Beyer e Yeda Teixeira, colegas do Curso que foram visitar a comunidade)



Foto: Taynara Nakayama

Desta forma, teríamos três matérias para rodar, além da já consagrada ‘piada sem graça’, inclusive, desta vez com uma vinheta que fizemos nos estúdio da Rádio. As crianças gostaram e se empolgaram a executar este plano. Assim, partimos à divisão de funções: apresentação, técnica e produção do boletim sobre a oficina de capoeira. No primeiro momento, as crianças se demonstraram inseguras para assumir onde gostariam de praticar. No entanto, Patrick e Matheus se manifestaram rapidamente, prontificando-se de ficar na técnica e reportagem, respectivamente. O que incentivou os outros.

Lucas Emanuel era o menino mais empolgado. Apresentou várias ideias e contou inúmeras ‘piadas sem graça’ que poderiam ser apresentadas. Foi neste momento, que fomos alegremente surpreendidos por uma sugestão sua: “Não seria melhor colocar créditos no final? Dizendo todo mundo que participou?”. Elogiamos muito o comentário, afinal, nós, quase formados em jornalismo, havíamos esquecido de sugerir este momento essencial em qualquer formato de programa. Todos compreenderam a ideia e comentaram como era importante.

Imagem 15: Da esquerda para direita: Yasmym, Lucas Emanuel, Luca Weber e Matheus durante a escrita do roteiro



Foto: Taynara Nakayama

Durante a divisão de funções, Yasmym não se manifestou. Samuel sugeriu que ela fosse uma das apresentadoras. Apoiamos a ideia, e mesmo envergonhada, ela aceitou. Antes de dividir o grupo, reunimos todos em volta da caixa de som e escutamos todo o material que tínhamos.

Separamos as crianças em dois grupos. Os responsáveis pela reportagem da capoeira (Guilherme, Miguel, Samuel e Richard que chegou com a atividade em andamento) estes orientados por Aramis. O outro grupo, que fez o roteiro (Lucas Emanuel, Yasmym, Matheus, Bernardo e Patrick) orientado por Lucas Weber. Combinamos que 16:15 (eram 15:30) seria o deadline, mesmo sabendo que não seria alcançável, mas para que as crianças percebessem a pressão que é o jornalismo “ao vivo”.

Imagem 16: Sentado à esquerda, Samuel (olhando à câmera), Guilherme e Miguel ao fundo. Na direita, Aramis segurando o celular e Richard



Foto: Taynara Nakayama

Mesmo separados, conduzimos as produções da mesma forma. Incentivando que assumissem a responsabilidade de decidir o formato do roteiro e do boletim. Dávamos sugestões de frases apenas para iniciar uma ideia. Nem sempre eles

queriam escrever ou pensar. Assim, interferimos na produção, no entanto, percebemos “erros” e deixamos passar intencionalmente. Por exemplo, apesar de ser um programa que seria divulgado via áudio do Whatsapp, não problematizamos quando escreveram “semana que vem” ou “no próximo domingo”. Também não controlamos o estilo do texto, e permitimos frases que sabemos que não são adequadas para a locução ou inclusive estão fora da norma da língua.

Deixamos passar por uma questão de tempo e também na esperança que eles percebessem a falha ao escutar o programa. Ao perceber que tínhamos crianças de 9 a 16 anos trabalhando juntas, diminuimos o nível de exigência. Não queríamos que o resultado fosse com a nossa cara, senão o melhor que eles poderiam produzir com a mínima interferência.

Na produção do boletim da capoeira, os participantes tinham informações sobre o assunto e queriam colocá-las sem pesquisar previamente. Foi necessário ressaltar a importância das fontes para o jornalismo. Com um smartphone, o grupo consultou sites para produzir o conteúdo.

Ficou a cargo de Guilherme redigir o material. Inicialmente, ele é quem faria a locução, mas durante a produção, Miguel disse que gostaria de falar também. Samuel tinha várias ideias, mas não quis escrever nem gravar sua voz. Richard, que chegou depois, gostou de ver no celular a pesquisa sobre capoeira. Ele disse que não lia muito bem e nem quis escrever. Ficou alguns minutos com o grupo e depois pediu para ir jogar bola.

O boletim explicava a capoeira, suas origens e características, e também trazia o convite para a primeira oficina de capoeira (que ocorreria no domingo seguinte). Guilherme quis colocar ao final do boletim uma chamada para o público: “Esperamos vocês”. No texto, não ficou muito claro a data da oficina, pois foram usados termos como “domingo que vem” e “na próxima semana”. No momento de gravar, Miguel demonstrou dificuldade e fez questão de fazer mais uma vez. O boletim, gravado no “estúdio” da rádio oficina, ficou com um minuto.

Pouco antes de começar a escrita do roteiro, houve uma troca de funções: Matheus pediu para apresentar e Guilherme cedeu seu lugar. Até que saísse a primeira frase do roteiro, muitas sugestões deles eram reprovadas pelo próprio grupo. Principalmente Lucas Emanuel, que estava problematizando qual deveria ser o teor do texto: informal ou formal. No entanto, ele se confundia e trocava os conceitos ao tentar explicar.

Matheus foi quem mais escreveu e Lucas Emanuel quem mais deu sugestões. A decisão da ordem dos boletins foi feita por Patrick e todos concordaram. *“Acho que o mais legal são as pessoas falando. Depois pode ser sobre a gripe e deixar a capoeira para o final, já que é um convite”*.

Yasmym a todo momento mudava de opinião sobre a apresentação. Incentivada por Taynara se sentiu segura em permanecer. Além de ser uma das mais jovens, por nunca ter participado ativamente das oficinas, justifica a dúvida de Yasmym. Após a elaboração do roteiro, ensaiamos individualmente com ela algumas vezes. Percebemos que o fato de ser a letra de outra pessoa, dificultou sua leitura, no entanto não havia tempo para que ela reescrevesse.

Foto 17: Matheus e Yasmym ensaiando o roteiro



Foto: Taynara Nakayama

Patrick era o encarregado da técnica, mas foi um dos mais ativos nas ideias do roteiro. Enquanto escrevíamos, esteve ao lado mexendo no computador e se familiarizando. No entanto, algumas vezes interrompeu o andamento colocando vídeos quaisquer no Youtube. Lucas Emanuel comentou que seu aniversário havia sido no dia anterior (26/05). Lucas Weber percebeu que era o mesmo dia de Aramis.

Comentamos entre todos e decidimos que deveriam ser homenageados nos créditos do roteiro.

Depois que os dois grupos terminaram suas tarefas, tivemos um pouco de dificuldade em reuni-los e mantê-los concentrados para a gravação. O deadline, como previsto, não foi respeitado e eram 16:42 quando estava tudo pronto. Matheus e Yasmym posicionados com microfone na mão. Lucas Emanuel próximo para realizar o 'momento piada sem graça'. Patrick sentado em frente ao computador e ao lado do mixer. E todos os outros ao redor com muita expectativa e ansiedade.

Imagem 18: Toda a equipe da Rádio Oficina a postos para o programa ir ao ar



Foto: Taynara Nakayama

As duas primeiras vezes houve alguma falha logo nos primeiros segundos. Na terceira tentativa o programa rodou até o final. Muitos erros aconteceram, mas nada que impedisse que o roteiro fosse seguido até o final. Aconteceu de vinhetas e sonoras rodarem antes da hora, locuções muito travadas repetindo palavras até que saísse com sentido e algumas falas vazando no microfone. (Depois da oficina, na segunda-feira, editamos minimamente o programa, corrigindo estes problemas. Não era nossa intenção, mas achamos necessário pela fluidez do programa). O

momento mais empolgante da gravação, foi quando Lucas Emanuel foi falar a piada sem graça e soltou um improviso: “a vontade de rir é grande, mas a de chorar é maior. Até a próxima ouvinte”. Bernardo, que estava reticente em participar, topou falar os créditos finais.

Ao total, foram 7:33 minutos de programa. (Programa disponível no APÊNDICE I) Mais do que esperávamos. Ficamos com a vontade de gravá-lo novamente para tentar suprir os erros. No entanto, no segundo posterior que terminou, todas as crianças saíram correndo para jogar futebol ou brincar. Não antes de uma empolgada salva de palmas.

Depois da gravação, arrumamos as coisas e conversamos um pouco com Kadu sobre os próximos passos das oficinas. As crianças estavam jogando futebol, mas pararam por poucos segundos para dar tchau. Fomos os três, Aramis, Lucas e Taynara, embora.

## 6. RECURSOS

Sempre foi preocupação nossa realizar as oficinas com o mínimo de recursos possíveis. Porque, queríamos provar, a nós mesmo inclusive, como é possível 'fazer rádio' com pouco. Por isso, nossos gastos pessoais foram realmente muito baixos, em comparação a outros TCC de colegas do curso. E também, porque contamos a todo momento com a parceria do Laboratório de Rádio e em especial do servidor Luís Roque Bezerra, que além de alguns empréstimos pessoais (um par de cabos), prestou atenção incrível a todos nossos questionamentos.

Em relação aos empréstimos, tivemos vindos do Laboratório de Rádio, dois microfones, um mixer, cinco cabos, dois adaptadores e uma régua de energia. Kadu dispôs de seu notebook. O colega do Curso, Giuliano Bianco emprestou uma caixa de som que foi muito importante devido a suas múltiplas funcionalidades, como descrevemos no relato da OFICINA II.

Em relação aos gastos que saíram de nossos bolsos, em suma, podemos resumir ao transporte e para confecção dos cartazes de divulgação das oficinas:

ITEM	CUSTO
Passagem de ônibus	R\$ 100,00
Cartazes	R\$ 10,00
Total	R\$ 110,00

Desde que a ideia deste projeto surgiu, tinha-se o vislumbre de criar uma webradio na comunidade. Está ideia nunca perdeu força, mas foi deixada de lado à medida que nos focamos em realizar as oficinas e desenvolver à sensibilidade comunicativa nas crianças - mais que forçá-los a ter uma rádio.

No entanto, elaboramos uma tabela de gastos para uma webradio na Vila do Arvoredo. Principalmente devido à insistência de Kadu. Ele comentava que o computador já tem e o espaço conseguiria arranjar. Queria saber o que precisava, além da formação das crianças. Desta forma, segue abaixo uma tabela de gastos elaborada por nós junto de Luís Roque.

<b>ITEM</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>CUSTO</b>
Mesa de Som Behringer Xenyx USB 2 canais	1	R\$ 400,00
Microfone MXT Shure (com cabos)	2	R\$ 120,00
Fone de Ouvido Sony	2	R\$ 100,00
<b>TOTAL</b>		<b>R\$ 620,00</b>

Para os registros fotográficos usamos nossas próprias câmeras do celular. Apenas na quinta oficina que pedimos o apoio da jornalista Taynara Nakayama que levou seu próprio equipamento fotográfico (Canon T5i com duas lentes).

## 7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Realizar este trabalho nos levou a desafios que não havíamos sido preparados para enfrentar. Nossa formação nos ensinou que isso não é um problema, se não parte intrínseca da profissão. Podemos até ter domínio sobre o assunto, mas o inesperado surge e exige, sobretudo, perspicácia. É preciso estar aberto para perceber que sua ideia original estava errada, ter maturidade para não desistir e pensar em outras possibilidades.

Entre todas as dificuldades, sabíamos que a maior seria lidar com nossas expectativas. Ao ver o resultado que alcançamos, pode parecer que cumprimos com o nosso esperado. De fato, e não desvalorizamos isso, é extremamente gratificante ver a proporção do que realizamos. Entretanto, a Rádio Oficina nunca foi ao ar. Tampouco os podcasts produzidos circularam entre a comunidade. Não alcançamos a sensibilidade de disseminar a informação – parte da profissão do jornalista e do nosso objetivo com o projeto.

Não alcançar estes êxitos foi um aprendizado. Sempre estivemos em uma linha tênue entre dar condições, sem realizar por eles. Faz parte deste projeto estimular a autonomia dos participantes, gerando neles o desejo da continuidade da Rádio Oficina. É claro que tínhamos o vislumbre que das oficinas nascesse uma webradio, mas evitamos impor este desejo. Se fosse para acontecer, que fosse deles a iniciativa de conseguir equipamentos, criar identidade sonora e visual, encontrar espaço físico e conquistar engajamento da comunidade.

Nos domingos de oficina, no longo trajeto entre nossas casas e a comunidade, esta e outras inquietudes surgiam em nossas conversas. Às vezes, impossibilitavam-nos de pensar objetivamente nas atividades do dia. Cada viagem era uma mistura de inseguranças. Por mais que o conteúdo fosse claro na nossa cabeça, não sabíamos como ele seria recebido pelas crianças. Tampouco se elas estariam lá.

Por mais que as oficinas fossem para jovens da comunidade, o público-alvo não era bem definido. Chegamos a trabalhar com crianças de sete anos até adolescentes de 17 anos. Arelado a isso, nossa falta de preparo em relação à metodologia de ensino, didática e pedagogia, colocou-nos em situações de tensão. Qual tom de voz ideal, ainda mais com pessoas de tão diferentes idades? Como

conquistar autoridade sem ser autoritário? Qual o equilíbrio entre teoria e prática? Que exemplos acercam-se da realidade dos alunos?

Admitimos que, durante as oficinas, o imprevisto muitas vezes foi nosso método. Além da faixa de idade, a quantidade de crianças também era incerta. Algumas vezes, cinco minutos antes de iniciar, decidimos dividir o grupo, sacrificando parte das atividades pensadas. Por mais que, relatando-os, estes imprevistos pareçam comprometedores, o resultado de cada oficina nunca foi abaixo do esperado. O imprevisto, que em alguns momentos foi linha condutora, dava medo, mas os resultados espontâneos que surgiam soavam como um “gol do Brasil” (como relatado na OFICINA V, quando Lucas Emanuel disse, no ar: “a vontade de rir é grande, mas a de chorar é maior. Até mais ouvintes!”).

O momento de maior reflexão era a volta das oficinas. Logo após sair da creche, ainda digeríamos os ocorridos. Alguns minutos depois, mais perto do terminal de Canasvieiras é que comentávamos nossas percepções. No início, as conclusões eram desanimadas. No decorrer da viagem, à medida que um lembrava o outro dos pontos positivos, dávamo-nos conta do sucesso do dia. Entusiasmados, surgiam as melhores ideias para os próximos passos. Aquela incerteza de como construir uma webradio na comunidade perdia espaço diante das novas soluções para a oficina seguintes.

Cinco oficinas (cerca de 10 horas ao total), com as limitações que citamos acima, foram suficientes para compartilhar muito do conhecimento adquirido ao longo do curso de jornalismo. Despertamos, em algum nível, sensibilidade comunicativa nos participantes. Percebemos que os jovens se desenvolveram ao longo das oficinas, principalmente na locução, na formulação de pautas e na desinibição para se comunicar. Porém, somos sinceros em admitir que estas cinco oficinas não foram capazes de sensibilizá-los ao ponto que secretamente almejávamos: criar uma webradio na comunidade.

Ao mesmo tempo, o projeto não terminou. No domingo em que seria o nosso sexto encontro, iniciou-se a oficina de capoeira na creche. Um professor de educação física aceitou realizar aulas quinzenais para a comunidade. O projeto de extensão Fotolivres, do laboratório de fotojornalismo da UFSC, marcou duas oficinas de fotografia para o mês de junho. Desta forma, este Trabalho de Conclusão de Curso vai para além de si, chegando onde nós, juntos com Kadu, nos comprometemos: sensibilizar os participantes das oficinas para as questões

referentes à comunicação a partir da experiência com a linguagem radiofônica, abrindo brechas para ampliar o trabalho realizado. As oficinas de rádio, por mais que não tenham resultado, neste momento, em uma webradio, foram o primeiro passo para criar um projeto cultural para a comunidade da Vila do Arvoredo.

Muitas vezes, na objetivação de encontrar resultados palpáveis, perdemos a sensibilidade de perceber tudo que foi feito. Tivemos o prazer de sermos convidados a participar do chá de bebê feito para o quarto filho de Andreia e Kadu, realizado no domingo, seis de maio, depois da Oficina 3. Estivemos com a família e vizinhos desfrutando de um momento de extrema intimidade, sendo muito bem recebidos. Outro grande momento foi na sétima oficina (já não relatada neste relatório por não fazer parte do planejamento do TCC), realizada no dia dez de agosto. Neste dia fomos convidados a participar da festa de aniversário de cinco anos de Júlia, filha de Kadu e Andreia. Depois de confraternizarmos com bolo, cachorro quente e algumas latas de cerveja, tivemos a conversa mais importante com Kadu ao longo de toda nossa amizade. Foi o momento em que nos sentimos reconhecidos por tudo que construímos juntos: *“É difícil ficar falando do que vai ser no futuro, esses projetos aqui não recebem dinheiro e é difícil achar alguém que invista. Mas o que vocês fizeram aqui vale muito mais que tudo isso. Não tem dinheiro que pague a experiência que essas crianças tiveram. Vocês criaram memória. Coisas que vão ficar pra sempre, mesmo que elas não se lembrem.”*

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Maria Inês. **Rádio Comunitária na Escola: protagonismo adolescente e dramaturgia na comunicação educativa.** In: PERUZZO, Cícilia Maria K.; OTRE, Maria Alice Campagnoli. Comunicação popular comunitária e alternativa no Brasil. São Paulo, ed. Metodista. 2015 p. 534 - 556.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves. **O Rádio Ontem e Hoje: Promotor de Educação e de Cultura.** 20 p. Artigo apresentado no I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Curitiba, 1994.

CHESINI, Taís. **A VILA DO ARVOREDO: a persistente luta por moradia.** 2012 108 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103576/TCC%20TA%C3%8DS%20SBEGHEN%20CHESINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

DELIBERADOR, Luzia M. Yamashita & LOPES, Mariana Ferreira, **Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo Soares Barros de Cambé – PR.** 19 p. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo, v.34, n.1, p. 85-103, jan./jun. 2011.

Diário Catarinense, **Fundação do PGC iniciou em 2001 na penitenciária de Florianópolis.** 2013, disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2013/04/fundacao-do-pgc-iniciou-em-2001-na-penitenciaria-de-florianopolis-4103423.html>>

G1, **Casas são marcadas pela PM na comunidade do Siri em Florianópolis e preocupam moradores.** 2018, disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/casas-sao-marcadas-pela-pm-na-comunidade-do-siri-em-florianopolis-e-preocupam-moradores.ghtml>>

G1, **Polícia registra quatro homicídios na comunidade do Siri em Florianópolis.** 2018, disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/policia-registra-quatro-homicidios-na-comunidade-do-siri-em-florianopolis.ghtml>>

G1, **Operação derruba casas no Siri, em Florianópolis.** 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2017/02/operacao-derruba-casas-no-siri-em-florianopolis-comunidade-contesta.html>>. Acesso em: 09 out. 2017.

G1, **Resultado da pesquisa Vila do Arvoredo.** 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/busca/?q=vila+do+arvoredo&ps=on&species=not%C3%ADcias>> Acesso em 11 nov 2017.

G1, **Resultado da pesquisa Favela do Siri.** 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/busca/?q=favela+do+siri&ps=on&species=not%C3%ADcias>> Acesso em 11 nov 2017.

GENRO FILHO, Adelmo, **O segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** 1º ed. Florianópolis, Editora Insular, Série Jornalismo a Rigor vol. 6, 2012.

GOHN, Maria da Glória, **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** 12 p. Ensaio, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

FERREIRA, Carlos Eduardo. **Carlos Eduardo Ferreira:** depoimento [outubro de 2017]. Entrevistador: Lucas Weber. Florianópolis, SC, Comunidade Vila do Arvoredo, 2017. Entrevista concedida para este TCC.

FERREIRA, Carlos Eduardo. **Carlos Eduardo Ferreira:** depoimento [março e abril de 2018]. Entrevistador: Lucas Weber. Florianópolis, SC, Comunidade Vila do Arvoredo, 2018. Entrevista concedida para este TCC.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. 36º ed. São Paulo, Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50º ed. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Saberes, 2011.

HOLSTON, James. **Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p 465.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo**. Artigo, ECA/USP, São Paulo, 2017.

MARICATO, Ermínia. **As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: Planejamento urbano no Brasil**. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 121-192.

MARROQUIM, Rafael. **Jornalismo e construção social da realidade: o despertar do acontecimento e a composição da notícia**. 13 p. Artigo para INTERCOM, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1837-1.pdf>>

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda. **Diálogos | Jornalismo e Imprensa**. São Paulo, TV Unesp. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7GWsyuqJKtA>>

MEDITSCH, E. B. V. **O Conhecimento do Jornalismo**. 1. ed. Florianópolis ; ed. UFSC, 1992. 100 p

MEDITSCH, E. B. V. e FARACO, Mariana Bittencourt. **O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia**. 15 p. Artigo. 2003, Florianópolis.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. **Cozinhando com política: nosso almoço do 1º de maio**. Florianópolis, 03 mai. 2011. Disponível em: <<https://mplfloripa.wordpress.com/2011/05/03/cozinhando-com-politica-nosso-almoco-do-1%C2%BA-de-maio/>> . Acesso em: 08 nov. 2017.

NISHIYAMA, Alexandra Fante. **Comunicação Comunitária e Mídia-Educação: Áreas distintas e convergentes.** In: PERUZZO, Cicília Maria K.; OTRE, Maria Alice Campagnoli. Comunicação popular comunitária e alternativa no Brasil. São Paulo, ed. Metodista. 2015 p. 512 - 533.

OTRE, Maria Alice Campagnoli. **Comunicação popular e intelectuais pela transformação social.** 18 p. Artigo - Curso de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. 2014, São Paulo. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2007/M%C3%8DDIA%20CIDAD%C3%83-%20%2018-%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20popular-%20Maria%20Alice.pdf>

PEREIRA, Elson M. **Qual planejamento urbano no contexto da sociedade da incerteza?** Florianópolis: Geosul, 2010, Pp 103-121.

PERUZZO, Cicília Maria K (org.) **Conceitos de Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania.** Revista Fronteiras estudos midiáticos. São Paulo, V. I, p. 111 - 128, 2001.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido, os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004. 440 p.

SILVEIRA, Patricia e MARÂPO, Lidia. **Jornalismo e construção social da realidade: um contributo ao debate teórico.** 13 p. Artigo - Revista Comunicando, Vol 13. 2014, São Paulo. Disponível em: [http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20141219-0\\_2.pdf](http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20141219-0_2.pdf)

SUGAI, Maria Inês, **Segregação silenciosa: investimentos públicos e dinâmica socioespacial na área conurba de Florianópolis (1970 - 2000).** 1. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2015. 276 p.

VALLADARES, Eduardo e BERBER, Márcia. **Revolução do Século XX.** 1. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

VENUTO, Rafael Giovani. **Dunas Mil Grau: olhares compartilhados.** 2016. 111 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VENUTO, Rafael Giovanni. **Comuna Amarildo de Souza: Outros olhares.** 2015. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** 2 ed. Editora FAPESP, São Paulo: 1998. 376 p.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: Roteiro Oficina 1

**LOC 1** = Aramis Merki II

**LOC 2** = Lucas Weber

**LOC 1** - Olá pessoal, boa tarde, eu me chamo Aramis, este é o Lucas. Nós somos estudantes de Jornalismo na UFSC e estamos aqui para compartilhar um pouco do que nós aprendemos

**LOC 2** - Isso mesmo, no nosso estudo, percebemos como o poder, a capacidade, de se comunicar pode mudar a vida

**LOC 1** - E aí escolhemos o rádio por que é uma modalidade que incentiva a pessoa a se soltar na fala. Além de ser fácil de fazer. E nem precisa ser bonito hehe

**LOC 2** - Mas pra começar, deixo perguntar para vocês... Aqui quem escuta rádio? Quem sabe reconhecer um programa de rádio?

\*\*\*\*\*INTERAÇÃO\*\*\*\*\*

**LOC 1** - Então bora mostrar pra eles como é, Pará?

---

TEATRO

---

**TEC** - Roda Vinheta entrada

**LOC 1** - Começou! Estamos no ar, ouvintes! Muito boa tarde, esta é a Rádio Oficina pra vocês. Estamos diretameeeeente do Norte da Ilha de Florianópolis, nos Ingleses, no nosso maravilhoso estúdio de frente para o mar.

Nesse domingo de sol, 22 de abril, são XXX horas, temos 34º graus. Vamos para o que importa? Vamos para o que importa? Vamos lá com ele, nosso repórter, Lucas, o Pará.

**LOC 2** - Se não é ele?!? Muito boa tarde Aramis. E muito boa a tarde para você! Ouvinte nosso de cada dia. É com muito prazer que escuto sua voz, tão linda ao vivo. E ainda mais eu neste lugar especial.

**LOC 1** - Então me diga, onde você está?

**LOC 2** - No refeitório da Creche Gentil Mathias da Silva

**LOC 1** - Opa, que maravilha! O que você pode nos trazer daí?

**LOC 2** - Aqui está repleto de gente bonita, sabe? Com cheiro de que tomou banho hoje mesmo. Aquele sorriso de quem é feliz mesmo

**LOC 1** - E de onde eles vem?

**LOC 2** - Quer saber mesmo Aramis? Vou ir falar com eles!

\*\*\*\*\*INTERVENÇÃO\*\*\*\*\*

*Momento de conversar com todos presentes. Perguntando nome, idade, se está gostando da oficina, se já falou ao vivo... incentivar que um pergunte ao outro, provocar alguma situação entre eles mesmos*

**LOC 2** - Aramis, por aqui já conversei com todo mundo

**LOC 1** - Maravilha Pará, estamos na hora mesmo de dar uma pausa. Vamos para o intervalo e já já voltamos. Fique por aí que tem muito mais pra rolar hoje na Rádio OFICINA

---

TEATRO

---

**LOC 2** - Pessoal, isso que nós fizemos agora, foi uma brincadeira, mas é de verdade mesmo, é mais ou menos assim que funciona

**LOC 1** - Exatamente. O rádio tem muito do diálogo, é um relato, uma conversa do que está acontecendo. Ele é muito espontâneo. Pensem como é a TV, causa muito timidez ter uma câmera gigante apontando pra pessoa.

**LOC 2** - Pessoal, agora vou convidar vocês para fazermos uma viagem no tempo. Isso porque, para entender a história do rádio, temos que voltar bastante. Estamos falando de mais de 100 anos atrás. Não há certeza de quem foi o descobridor desta tecnologia, até porque, demorou para do primeiro experimento de rádio, surgir algo que funcionasse mais ou menos com o que estamos acostumados. Para vocês entenderem do que estamos falando, o rádio funciona através de ondas eletromagnéticas. São sinais que se propagam pelo ar em uma velocidade incrível, que nós não podemos ver nem sentir. É o mesmo sistema que faz que um avião se comunique com uma torre de controle por exemplo. No Brasil, o rádio entra para a nossa vida, a partir da década de 30 com o presidente Getúlio Vargas. Ele foi quem começou a utilizar essa plataforma para fazer discursos e conversar com a população. Foi ele quem inventou a Voz do Brasil. Vocês já escutaram esse programa? Aramis, pode rodar a vinheta para nós, por favor.

**TEC** - Roda vinheta Voz do Brasil

**LOC 2** - Mas o rádio teve seu auge com as radionovelas. Imaginem vocês, que nos anos 50, ao invés das pessoas pararem tudo que estão fazendo para ligar na novela das 9, elas faziam o mesmo mas para ficar ao redor de um rádio ouvindo uma história ser contada por atores e atrizes, mas só com sua voz

E mais tarde o rádio dominou a vida das pessoas por causa do futebol. Vocês não imaginam o quão mais emocionante é ouvir uma narração de rádio. E deixar que nossa imaginação faça o resto. Vamos experimentar essa? Vou pedir para o Aramis soltar um gol histórico do Brasil feito na copa de 70. Pode ser?

**TEC** - Roda Gol Carlos Alberto (2x)

**LOC 2** - Incrível né pessoal ? Sei que é difícil se entreter com isso hoje, tento a imagem da TV tão presente na nossa vida. Mas vamos agora ver o gol pra comparar o que havíamos imaginado com o que de fato aconteceu?

**TEC** - Exibe Gol Carlos Alberto

**LOC 1** - Pessoal, muito legal entender a história das coisas para valorizar o momento atual delas hoje. É o caso do rádio, não só dele, senão de todo jornalismo. Hoje estamos migrando para um momento que o principal meio de comunicação é a internet. Isso não significa que os outros meios, TV, rádio, jornal etc, estão morrendo, mas sim acompanhando essa migração. É por isso que vem o nome de webrádio. Um grande ponto positivo desse novo momento, é a facilidade que qualquer pessoa encontra para colocar uma ideia sua numa rede. Claro que ainda é difícil competir com os grandes meios de comunicação. Mas nós trouxemos dois exemplos de coletivos de periferia que conseguiram encontrar seu espaço.

**LOC 2** - Um deles é a agência MURAL. Ele foi criado em 2010 para justamente dar voz a aqueles que não tem espaço. Começou como um blog simples, e hoje eles têm um importante espaço no site do jornal Folha de São Paulo, um dos maiores do Brasil. Nele, dezenas e dezenas de cidadãos comuns, escrevem colunas, crônicas, notícias sobre sua realidade tal qual as vem. Esses escritores passaram por um processo de treinamento por um grupo de jornalista voluntários, tipo como estamos fazendo aqui.

**LOC 1** - Outro projeto que queremos compartilhar, é o Voz da Comunidade. Foi um canal de comunicação que começou por um menino de 11 anos, no seu Twitter. Ele é morador do Morro do Adeus no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro. Na sua conta, ele começou a falar das coisas que aconteciam e nenhuma mídia falava. Hoje o projeto se desenvolveu e eles tem site e página no facebook com mais de 130 mil curtidas. Vamos dar uma olhada no que eles produzem?

**TEC** - Roda Reportagem Vozes

**LOC 1** - E olha só que massa, nós conversamos com eles e explicamos que estávamos fazendo esse projeto aqui com vocês. Aí eles enviaram um vídeo pra gente, ou melhor, pra vocês. Vamos ver?

**TEC** - Roda Mensagem Vozes

**LOC 1** - Opa, só um minutinho Pará, parece que vamos voltar ao vivo

---

## TEATRO

---

**TEC** - Roda Vinheta entrada

**LOC 1** - A Rádio Oficina está de volta, queridos e queridas ouvintes. E a gente tá com um assunto importante hoje. O senhor prefeito João Loirinho está de passagem na Comunidade

do Siri. A gente não pode deixar de falar com ele, por isso que toda a equipe da Rádio Oficina está a postos para entrevistá-lo. Primeiramente vamos com o nosso repórter Lucas, como é que está aí meu caro?

*Pará tenta entrevistar o prefeito (Kadu) que diz que só fala na coletiva de imprensa*

**LOC 2** - É Aramis, parece que ele só vai falar na coletiva de imprensa

**LOC 1** - E quando ela vai acontecer?

**LOC 2** - Em instante Aramis, diria que em 5 minutinhos

**LOC 1** - Muito bem, então vamos fazer um rápido intervalo para nos preparar, e já já voltamos com todos a postos. Fique com a gente. tmj

---

## TEATRO

---

**LOC 1** - Pessoal, agora vocês fazem parte da Rádio OFICINA. Vocês estão preparados? Nós precisamos da ajuda de vocês para entrevistar o prefeito

**LOC 2** - O que vai acontecer agora é uma coletiva de imprensa. É um momento que alguma autoridade marca uma conversa com os jornalistas para esclarecer algum assunto. É o que acontece com o técnico ou o jogador depois da partida. Quando acontece algum crime, o policial é quem fala. Ou quando por exemplo, o prefeito da cidade é questionado por alguma situação

**LOC 1** - Esse é o momento que nós temos para questionar o prefeito. Numa coletiva de imprensa, é tudo muito rápido. Então o jornalista já deve chegar com suas perguntas feitas. Vamos pensar agora o que perguntar? O que vocês gostariam de perguntar pra ele? O que está faltando aqui na comunidade?

### \*\*\*\*\*INTERAÇÃO\*\*\*\*\*

*Anotamos as perguntas e incentivamos que os alunos assumam a responsabilidade de fazer-las.*

---

## TEATRO

---

**LOC 1** - Muito bem, estamos de volta, e já vamos direto para a Creche Gentil Mathias Silva onde nossos repórteres estão posicionados para entrevistar o prefeito João Loirinho.

### A COLETIVA!

**LOC 1** - Vou pedir a licença de nosso repórteres porque infelizmente nosso tempo já se esgotou! Nós voltamos no próximo domingo para mais um momento incrível do rádio aqui na Rádio OFICINA. TCHAU!

**LOC 2** - Maravilha pessoal, essa era a nossa atividade para hoje! Gostaram?

\*\*\*\*\*INTERAÇÃO\*\*\*\*\*

**LOC 1** - Semana que vem convidamos vocês para voltarem! Vamos seguir com essas oficinas por mais um tempo.

**LOC 2** - Isso mesmo. Agora que vocês já foram iniciados nas práticas comunicativas, pensamos em propor uma atividade para próxima aula

**LOC 1** - É, mas sem cara feia. É coisa boa!

**LOC 2** - Para explicar a atividade, vamos explicar antes outro conceito de radiojornalismo. Uma das ferramentas para a produção de um programa noticioso, ou seja, de notícias, é o boletim. Quando um repórter sai da redação e vai em busca de uma novidade, ele produz um boletim com as informações que tem. Por exemplo, se eu fosse fazer um boletim sobre a entrevista do prefeito hoje, além de eu comentar o que aconteceu, eu iria adicionar uma fala do prefeito

**LOC 1** - Ou seja, para dar mais verdade na minha informação, vamos atrás de um depoimento de alguém que esteja ligado na notícia para explicar. Mesmo que já saibamos. Nossa atividade que propomos, é que vocês encontrem uma história legal aqui da comunidade e gravem um depoimento sobre alguém envolvido

**LOC 2** - Exatamente. Por exemplo, se tem alguém que tem uma horta na comunidade, ou alguém que tem uma banda. Pode ser também a pessoa mais velha que vocês conhecem. Ou até mesmo a história da mãe do pai, do vô, da vó ou do cachorro.

**LOC 1** - Aí, vocês tem que gravar alguém contando essa história para você! Quietal?

**LOC 2** - Pessoal, todo mundo aqui tem celular, ou o pai pode emprestar? Se alguém tiver algum problema, fale conosco ou com o Kadu.

**LOC 1** - E depois de gravar, mandem o áudio para o nosso whatsapp, beleza?

**LOC 1 e 2** - Até semana que vem gurizada!!!

## APÊNDICE B: Plano de Aula Oficina 1



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

#### PLANO DE AULA

**PROFESSOR:** Aramis Merki e Lucas Weber

**ASSUNTO:** Conceitos introdutório ao radiojornalismo;

**OBJETIVOS:**

- apresentar-se aos e as oficinairos/as e conhecê-los/as
- exemplificar momentos da história do rádio no Brasil
- praticar uma atividade radiojornalística

**PÚBLICO ALVO:**

Moradores da Comunidade da Vila do Arvoredo com mais de 10 anos;

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**

- história do rádio no Brasil
- jornalismo de periferia
- webrádio comunitária
- prática de reportagem

**MÉTODO:**

Aula expositiva apoiada por encenação didática e prática em conjunto;

**RECURSOS UTILIZADOS:**

Internet, notebook, celular, caixa de som, fone de ouvido e microfone

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

TEIXEIRA, Thays Helena Silva; **Comunicação comunitária e jornalismo cidadão:** diferenças teóricas e a apropriação mercadológica. Artigo, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011

## APÊNDICE C: Plano de aula Oficina 2



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

### **PLANO DE AULA**

**PROFESSOR:** Aramis Merki e Lucas Weber

**ASSUNTO:** Introdução e prática ao programa de rádio noticioso

**OBJETIVOS:**

- introduzir conceitos de uma redação de jornalismo;
- praticar os conceitos;
- produzir um programa noticioso.

**PÚBLICO ALVO:**

Moradores da Comunidade da Vila do Arvoredo com mais de 10 anos;

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**

- conceitos de reunião de pauta, boletim e sonora
- prática de apresentação, técnica e entrevista
- aplicação prática em programa ao vivo

**MÉTODO:**

Aula expositiva e prática em reportagem orientada; realização de programa ao vivo

**RECURSOS UTILIZADOS:**

Internet, notebook, celular, caixa de som e microfone

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004

KAPLÚN, Mário. **Produção de programas de rádio**. Florianópolis: Insular, 2013

## APÊNDICE D: Plano de aula Oficina 3, 4 e 5



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

#### PLANO DE AULA

**PROFESSOR:** Aramis Merki e Lucas Weber

**ASSUNTO:** Prática em programa de rádio

**OBJETIVOS:**

- produção de um programa de rádio esportivo com o mínimo auxílio

**PÚBLICO ALVO:**

Moradores da Comunidade da Vila do Arvoredo com mais de 10 anos;

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**

- conceitos de drop, boletim e sonora
- prática de apresentação, técnica e entrevista
- aplicação prática em programa ao vivo

**MÉTODO:**

Prática de programa de rádio ao vivo

**RECURSOS UTILIZADOS:**

Mixer, internet, notebook, celular, caixa de som, extensão e microfones

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

SCHINNER, Carlos Fernando: **Manual dos Locutores Esportivos**. São Paulo, Panda Books, 2004

KAPLÚN, Mário. **Produção de programas de rádio**. Florianópolis: Insular, 2013

